

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
LINHA DE PESQUISA: ANÁLISE TERRITORIAL**

**AS INTERAÇÕES E AS PAISAGENS DE FRONTEIRA ENTRE SÃO BORJA (BRA) E
SANTO TOMÉ (ARG)**

EDGAR GARCIA VELOZO

**ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. ADRIANA DORFMAN
CO-ORIENTADOR: Prof. Dr. FRANCISCO LARA-VALENCIA**

Porto Alegre, 2023

EDGAR GARCIA VELOZO

**AS INTERAÇÕES E AS PAISAGENS DE FRONTEIRA ENTRE SÃO BORJA (BRA) E
SANTO TOMÉ (ARG)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Porto Alegre
Março de 2023**

CIP - Catalogação na Publicação

Garcia Velozo, Edgar
AS INTERAÇÕES E AS PAISAGENS DE FRONTEIRA ENTRE SÃO
BORJA (BRA) E SANTO TOMÉ (ARG) / Edgar Garcia Velozo.
-- 2023.
83 f.
Orientadora: Adriana Dorfman.

Coorientador: Francisco Lara-Valencia.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa
de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS,
2023.

1. Paisagem. 2. Fronteira. 3. Condição Fronteira.
4. Paisagem Fronteira. 5. Interações Fronteiriças.
I. Dorfman, Adriana, orient. II. Lara-Valencia,
Francisco, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Edgar Garcia Velozo

**AS INTERAÇÕES E AS PAISAGENS DE FRONTEIRA ENTRE SÃO BORJA E
SANTO TOMÉ**

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Dorfman – POSGEA/UFRGS

**Co-orientador: Prof. Dr. Francisco Lara-Valencia – School for Transborder
Studies at Arizona State University**

Prof^a. Dr^a. Lucimar de Fátima dos Santos Vieira – POSGEA/UFRGS

Prof. Dr. Muriel Pinto – PPGPP/UNIPAMPA

Prof. Dr. Alex Dias – Instituto Federal do Piauí e POSGEA/UFRGS

AGRADECIMENTOS

A escrita deste texto se deu em diversos momentos entre os anos de 2020 a 2023 e ao longo destes quase três anos, diversas pessoas se fizeram essenciais para o andamento do trabalho de pesquisa, de escrita e dos vários tropeços e recomeços que rondaram esse projeto. Começo, então, agradecendo à Professora Dr^a. Adriana Dorfman, minha orientadora desde o segundo semestre de 2018, quando me apresentou aos Estudos Fronteiriços por uma perspectiva geográfica. Obrigado pelo apoio, parceria, confiança e paciência não apenas nos momentos produtivos, mas também nos complicados.

Dedicar-se à pesquisa é uma tarefa árdua, por isso agradeço muito aos órgãos de fomento à pesquisa que me concederam auxílio desde à época da graduação: a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), a Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS (PROPESQ) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O apoio do Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEA) da UFRGS foi essencial para essa jornada de pesquisa, assim como para o custeio do trabalho de campo e de participação em eventos. Ser parte da representação discente dentro do programa, me permitiu entender melhor o difícil trabalho do acadêmico e suas diversas funções administrativas e burocráticas. Assim, agradeço também à equipe da secretaria do POSGEA que sempre esteve à disposição para responder as minhas inúmeras dúvidas longo desses anos.

Agradeço ao Professor Dr. Muriel Pinto e a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) pela sua disponibilidade e pelo suporte logístico em São Borja, Santo Tomé, Itaqui e Alvear. Ao Professor Dr. Alex Dias, que também esteve conosco durante o trabalho de campo e com quem pude refletir sobre as diferentes paisagens de fronteira. O auxílio e companhia de vocês impulsionaram a etapa de campo deste projeto. Aos demais membros da banca de qualificação e de defesa que se dispuseram a ler o trabalho e contribuir para a construção desta pesquisa.

Agradeço aos meus pais, Edgar e Joana, e aos meus amigos, que considero família e cujo suporte e companhia foram essenciais nos difíceis momentos que se

desdobraram no último ano. Quero agradecer especialmente à minha amiga e colega Luísa Amato Caye, que vem desbravando os estudos de fronteira comigo e sendo uma grande parceira nessa jornada.

Não posso deixar de agradecer aos Colégios ULBRA Cristo Redentor e Martinho Lutero e meus colegas de trabalho, que desde a metade de 2022 me acolheram e incentivaram meu progresso acadêmico e pessoal. Por fim, gostaria de expressar minha gratidão ao Tiago Araújo Duarte, meu terapeuta, que me acompanha desde o processo de seleção de mestrado em 2019 e foi fundamental durante os períodos difíceis da minha saúde nos últimos anos. Muito obrigado a todos e todas.

“Crisis is not at the border but of border itself”

(Harsha Walia, 2021)

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa se propõe a explorar o conceito de paisagens de fronteira e analisar de que forma elas são transformadas e influenciadas pelas interações de fronteira. Para a operacionalização da pesquisa, foram escolhidas as cidades de São Borja (BRA) e Santo Tomé (ARG), tendo como recorte temporal o período de 2020 a 2022. Busca-se, também, evidenciar a relevância das paisagens de fronteira para a Geografia Política e os Estudos Fronteiriços, assim como a necessidade de se valorizar as fronteiras internacionais, superando o imaginário conflitivo atrelado a elas. Os procedimentos metodológicos partiram de uma revisão bibliográfica integrativa e de técnicas de análise experimentais com estudos de caso por meio de pesquisa em campo. Percebeu-se a necessidade de adaptação da matriz de observação sistemática, para que sirva a diferentes tipologias fronteiriças e escalas. Os resultados obtidos indicam que a técnica de leitura de paisagem foi frutífera para a compreensão da condição fronteiriça da área de estudo, assim como demonstram o potencial da pesquisa de campo como método, destacando o diferencial da aquisição de dados *in locu*, com a observação direta e diálogo com os sujeitos que interagem e fazem a fronteira. A paisagem fronteiriça refere-se ao elementos naturais e culturais que definem a fronteira entre dois ou mais países. Por outro lado, a paisagem transfronteiriça se refere às características físicas e culturais que transcendem os limites territoriais, abrangendo elementos que são compartilhados pela comunidade de ambos lados da fronteira, como tradições culturais, padrões migratórios e ecossistemas. A leitura da paisagem é uma grande ferramenta para a compreensão da condição fronteiriça de uma região, sendo importante considerar não apenas os marcos históricos e símbolos visíveis, mas também os relatos e vivências dos interlocutores. As paisagens (trans)fronteiriças são um reflexo dos processos e práticas que ocorreram ao longo do tempo, e as interações (trans)fronteiriças transformam os elementos que simbolizam visualmente a realidade de cada zona fronteiriça.

Palavras-chave: Paisagem; Fronteira; Paisagem fronteiriça; Interação fronteiriça; Condição fronteiriça.

ABSTRACT

This research aims to examine the concept of border landscapes and analyze how they are shaped and influenced by interactions occurring at the border. The study focuses on the cities of São Borja (Brazil) and Santo Tomé (Argentina) during the period from 2020 to 2022. The research highlights the importance of border landscapes for Political Geography and Border Studies, as well as the need to appreciate international borders beyond their conflictive representation. The methodological procedures include an integrative literature review and experimental analysis techniques, complemented by case studies conducted through field research. A systematic observation matrix was developed and adapted to serve different border typologies and scales. The results demonstrate that the landscape reading technique was effective in understanding the border condition of the study area. Furthermore, the research emphasizes the potential of field research, which allows for *in loco* data acquisition through direct observation and dialogue with the subjects who interact at the border. The border landscape refers to the natural and cultural elements that define the border between two or more countries. On the other hand, the transborder landscape refers to the physical and cultural characteristics that transcend territorial boundaries, encompassing elements shared by communities on both sides of the border, such as cultural traditions, migratory patterns, and ecosystems. The data collected were analyzed and systematized to provide a comprehensive view of the (trans)border landscapes, which reflect the historical and cultural practices that have shaped each zone. The research concludes by stressing the significance of considering not only visible landmarks and symbols, but also the reports and experiences of interlocutors when examining border landscapes.

Keywords: Landscape; Border; Border landscape; Border interaction; Border condition.

RESUMEN

Este trabajo de investigación tiene como objetivo explorar el concepto de paisajes de frontera y analizar cómo son transformados e influenciados por las interacciones de frontera. Para la operacionalización de la investigación, se eligieron las ciudades de São Borja (BRA) y Santo Tomé (ARG), teniendo como recorte temporal el período de 2020 a 2022. También se busca evidenciar la relevancia de los paisajes de frontera para la Geografía Política y los Estudios Fronterizos, así como la necesidad de valorar las fronteras internacionales, superando el imaginario conflictivo asociado a ellas. Los procedimientos metodológicos partieron de una revisión bibliográfica integradora y de técnicas de análisis experimentales con estudios de caso a través de la investigación de campo. Se percibió la necesidad de adaptación de la matriz de observación sistemática para que sirva a diferentes tipologías de fronteras y escalas. Los resultados obtenidos indican que la técnica de lectura de paisaje fue fructífera para la comprensión de la condición fronteriza del área de estudio, así como demuestran el potencial de la investigación de campo como método, destacando la adquisición de datos in locu con la observación directa y el diálogo con los sujetos que interactúan y hacen la frontera. El paisaje fronterizo se refiere a los elementos naturales y culturales que definen la frontera entre dos o más países. Por otro lado, el paisaje transfronterizo se refiere a las características físicas y culturales que trascienden los límites territoriales, abarcando elementos compartidos por las comunidades de ambos lados de la frontera, como tradiciones culturales, patrones migratorios y ecosistemas. Por último, fue necesario sistematizar los datos obtenidos para analizarlos. La lectura del paisaje es una gran herramienta para la comprensión de la condición fronteriza de una región, siendo importante considerar no sólo los hitos históricos y símbolos visibles, sino también los relatos y vivencias de los interlocutores. Los paisajes (trans)fronterizos son un reflejo de los procesos y prácticas que ocurrieron a lo largo del tiempo, y las interacciones (trans)fronterizas transforman los elementos que simbolizan visualmente la realidad de cada zona fronteriza.

Palabras clave: Paisaje; Frontera; Paisaje fronterizo; Interacción fronteriza; Condición fronteriza.

RÉSUMÉ

Ce travail de recherche vise à explorer le concept de paysages de frontière et à analyser de quelle manière ils sont transformés et influencés par les interactions de frontière. Pour la réalisation de cette recherche, les villes de São Borja (BRA) et de Santo Tomé (ARG) ont été choisies, avec une période d'étude allant de 2020 à 2022. L'objectif est également de mettre en évidence l'importance des paysages de frontière pour la géographie politique et les études frontalières, ainsi que la nécessité de valoriser les frontières internationales, en dépassant l'imaginaire conflictuel qui y est associé. Les procédures méthodologiques ont débuté par une revue bibliographique intégrative et l'utilisation de techniques d'analyse expérimentales avec des études de cas réalisées sur le terrain. Il a été constaté qu'il était nécessaire d'adapter la matrice d'observation systématique pour qu'elle puisse servir à différentes typologies frontalières et échelles. Les résultats obtenus indiquent que la technique de lecture de paysage a été fructueuse pour la compréhension de la condition frontalière de la zone d'étude, démontrant également le potentiel de la recherche sur le terrain comme méthode, soulignant la différence dans l'acquisition des données in locu, avec l'observation directe et le dialogue avec les sujets qui interagissent et créent la frontière. Le paysage frontalier fait référence aux éléments naturels et culturels qui définissent la frontière entre deux pays ou plus. En revanche, le paysage transfrontalier désigne les caractéristiques physiques et culturelles qui transcendent les frontières territoriales et englobent des éléments partagés par les communautés des deux côtés de la frontière, tels que les traditions culturelles, les schémas migratoires et les écosystèmes. Enfin, il a été nécessaire de systématiser les données obtenues pour les analyser. La lecture de paysage est un outil important pour comprendre la condition frontalière d'une région, il est donc important de considérer non seulement les repères historiques et les symboles visibles, mais aussi les récits et les expériences des interlocuteurs. Les paysages (trans)frontaliers sont le reflet des processus et des pratiques qui ont eu lieu au fil du temps, et les interactions (trans)frontalières transforment les éléments qui symbolisent visuellement la réalité de chaque zone frontalière.

Mots-clés : Paysage ; Frontière ; Paysage de frontière ; Interaction frontalière ; Condition frontalière.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização das cidades gêmeas: São Borja / Santo Tomé.....	19
Figura 2 - Matriz de Observação Sistemática.....	40
Figura 3 - Professores presentes no trabalho de campo e a UNIPAMPA - Campus São Borja ao fundo.	45
Figura 4 - Monumento “Orgulho de Ser Missioneiro”, localizada no Cais do Porto de São Borja.....	46
Figura 5 - Equipe do trabalho de campo às margens brasileiras do rio Uruguai, próximas a Ponte Internacional de Integração.....	47
Figura 6 - Balizadores no Cais do Porto de São Borja.....	48
Figura 7 - Seção dos presidentes nascidos em São Borja na Biblioteca Aparício Silva Rillo.	49
Figura 8 - Monumento em comemoração ao centenário da cidade de Itaqui concedido pela povo de Alvear.....	53
Figura 9 - Matriz de observação sistemática sobreposta à imagem de satélite de São Borja e Santo Tomé.	55
Figura 10 - Margens brasileiras do rio Uruguai em São Borja.....	57
Figura 11 - O rio Uruguai visto da Ponte de Integração.	58
Figura 12 - Margens argentinas do rio Uruguai em Santo Tomé.....	59
Figura 13 - Ponte Internacional de Integração vista do rio.	61
Figura 14 - Ponte vista de dentro do carro ao cruzar a fronteira.	62
Figura 15 - Aduana entre Brasil e Argentina.	63
Figura 16 - Caminhões aguardando inspeção pelos agentes fronteiriços.....	64
Figura 17 – Cruz missioneira em frente à igreja principal de Santo Tomé.	66
Figura 18 - Placa no monumento em homenagem à cidade de Santo Tomé pelo povo de São Borja.....	67
Figura 19 – Monumento na praça XV de Novembro em São Borja.....	68
Figura 20 – Mausoléu de Getúlio Vargas.	69
Figura 21 - Placa em comemoração ao 10º aniversário da inauguração da Ponte de Integração.	70
Figura 22 - Placa sinalizando a Plaza San Martín.....	72
Figura 23 - Placa informando os custos com as placas informativas do Circuito Jesuítico em Santo Tomé.....	73
Figura 24 - Placa na aduana entre Brasil e Argentina.....	74
Quadro 1 - Resumo dos Domínios da Paisagem Transfronteira	37

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA: O ESTUDO DA LEITURA DE PAISAGENS DE FRONTEIRA	15
1.2	OBJETIVOS:	16
1.2.1	Objetivo geral	16
1.2.2	Objetivos específicos	16
1.3	ÁREA DE PESQUISA	17
1.4	MÉTODOS	20
2	FRONTEIRAS E PAISAGENS NA GEOGRAFIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA	23
2.1	FRONTEIRAS PARA A GEOGRAFIA POLÍTICA E OS ESTUDOS FRONTEIRIÇOS	24
2.2	PAISAGENS E SUAS RELAÇÕES COM A FRONTEIRA	28
2.3	PAISAGENS DE FRONTEIRA: CONCEITOS E MÉTODOS	32
2.4	A OPERACIONALIZAÇÃO DA LEITURA DE PAISAGENS DE FRONTEIRA	37
2.5	AS INTERAÇÕES FRONTEIRIÇAS E TRANSFRONTEIRIÇAS	41
3	PESQUISA DE CAMPO EM SÃO BORJA E SANTO TOMÉ	43
3.1	CHEGANDO NO PRIMEIRO DOS SETE POVOS DAS MISSÕES: SÃO BORJA	44
3.2	Cruzando a fronteira: Santo Tomé	50
3.3	Conhecendo a fronteira oeste gaúcha: Itaqui	52
4	A LEITURA DA PAISAGEM DE FRONTEIRA EM SÃO BORJA E SANTO TOMÉ	54
4.1	O RIO URUGUAI	56
4.2	A PONTE INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO	60
4.3	POSTOS DE CONTROLE	62
4.4	SÍMBOLOS NACIONAIS (E REGIONAIS)	65
4.5	PLACAS	69
4.6	PARA ALÉM DO DOMÍNIO DAS FORMAS: FUNÇÕES, ESTRUTURAS, PROCESSOS E DINÂMICAS	74
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
	Referências	79

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa se propõe a explorar o conceito de paisagens de fronteira e analisar de que forma elas são transformadas e influenciadas pelas interações de fronteira. Para a operacionalização da pesquisa, foram escolhidas as cidades de São Borja (BRA) e Santo Tomé (ARG), tendo como recorte temporal do período de 2020 a 2022, datando do início da revisão bibliográfica ao fim da aquisição de dados.

De 2018 a 2020, a professora Adriana Dorfman, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e o professor Francisco Lara-Valencia, da *Arizona State University*, ambos orientadores desta pesquisa, realizaram um esforço conjunto para o estudo e o refinamento de metodologias para as paisagens de fronteira. A partir de uma análise comparativa entre duas zonas fronteiriças, uma localizada na fronteira entre Brasil e Uruguai e outra na fronteira entre Estados Unidos e México, foram realizadas atividades de campo e didáticas, explorações virtuais e adaptações a outras metodologias para a leitura de paisagens e a análise de regiões de fronteira.

As atividades didáticas foram desenvolvidas com alunos da graduação e pós-graduação brasileiros e estadunidenses, assim como os trabalhos de campo foram realizados na fronteira entre Aceguá (BRA) e Aceguá (URU) e entre Nogales (MEX) e Nogales (USA). Como resultado, foi produzido um artigo científico contando todas essas etapas da pesquisa e considerações sobre o tema, escrito em conjunto com o autor desta pesquisa e publicado na revista da ANPEGE (DORFMAN; LARA-VALENCIA; VELOZO, 2020).

Buscando salientar a relevância das paisagens de fronteira para a Geografia Política e os Estudos Fronteiriços, assim como a necessidade de se valorizar as fronteiras internacionais, superando o imaginário conflitivo atrelado a elas, se decidiu continuar o estudo das paisagens de fronteira e seus possíveis caminhos metodológicos. Mantendo a mesma equipe que deu início a esse trabalho, o autor deu início aos estudos de mestrado sendo orientado pela professora Adriana Dorfman, com período de coorientação pelo professor Francisco Lara-Valencia, de 06 de junho de 2021 a 16 de setembro de 2022.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA: O ESTUDO DA LEITURA DE PAISAGENS DE FRONTEIRA

Internacionalmente, o debate e a produção acadêmica em torno do conceito das paisagens de fronteira apresentava lacunas, principalmente até a metade do século XX. Três geógrafos e precursores desse debate, Rumley e Minghi (1991) e Sanguin (2015), ressaltam a necessidade de uma maior atenção às paisagens de fronteira, a partir de um olhar geográfico e político.

Compreender as interações fronteiriças serve para reconhecer e valorizar a diversidade presente nas zonas de fronteira, frequentemente estigmatizadas ou tratadas como problemas de segurança. Também, há vantagens para a administração pública, para instituições que busquem a promoção de interculturalidade, para a inserção de estabelecimentos comerciais e, inclusive, para curiosos que tenham interesse em entender outras realidades sociais de seu país. A partir disso, esta pesquisa também pretende pensar como a análise das paisagens fronteiriças podem auxiliar na aquisição de informações e entendimento das interações de fronteira.

Num primeiro momento, havia três perguntas gerais que permeavam o interesse do autor desta pesquisa:

- a) O conceito de paisagem de fronteira serve como uma ferramenta para a análise e compreensão das interações fronteiriças?
- b) Como os fenômenos naturais se relacionam com as paisagens de fronteira?
- c) Quais os sentidos políticos da paisagem de fronteira?

A partir do exame de qualificação e da revisão de literatura, a pergunta foi refinada para englobar a área de estudo e as demais limitações do escopo de uma dissertação de mestrado. Assim, a pergunta de pesquisa que conduz este trabalho é:

- Como as interações na fronteira entre São Borja e Santo Tomé expressam e influenciam a paisagem fronteiriça?

1.2 OBJETIVOS:

Com o intuito de valorizar as paisagens de fronteira, esta pesquisa pretende visualizá-las como um caminho para a análise das interações fronteiriças. Além disso, busca-se levar em conta as ambiguidades e contradições implicadas nos conceitos de paisagem, fronteira, interação, integração, fronteiriço e transfronteiriço.

Assim, os objetivos desta pesquisa são:

1.2.1 Objetivo geral

Explorar como a paisagem de fronteira é influenciada e transformada pelas interações na fronteira entre São Borja (BRA) e Santo Tomé (ARG).

1.2.2 Objetivos específicos

- 1) Analisar a paisagem de fronteira como um conceito e categoria de análise reveladora de formas e funções sobre as interações fronteiriças;
- 2) Examinar as metodologias de análise e leitura de paisagens de fronteira para aplicar esse procedimento na região fronteiriça de São Borja e Santo Tomé;
- 3) Avaliar as possibilidades e limitações dessa metodologia através dos resultados obtidos em campo.

Para isso, se realiza uma revisão de literatura em uma bibliografia composta por autores e autoras que se dedicaram a estudar as paisagens de fronteira, suas dinâmicas e seus aspectos, como as formas, funções, estruturas e processos que se originam nessas regiões. A partir da revisão bibliográfica integrativa, pretende-se identificar como o conceito de paisagem de fronteira pode servir à análise das interações nessas regiões, ou seja, que dados podem se originar dessa análise e que

possíveis caminhos esses estudos podem trilhar na produção científica sobre fronteira e na compreensão de suas dinâmicas socioespaciais.

Antes de apresentar o conceito de paisagem de fronteira, tomou-se como necessário definir os conceitos de paisagem e fronteira separadamente, assim mostrando como ambos são entendidos no decorrer da discussão proposta neste texto. Posteriormente, se apresenta o estado da arte do conceito de paisagem fronteira, tendo como base autores e autoras que se empenham sobre essa discussão e em mostrá-la como algo que necessita mais estudo e investigação.

Para dar início a este trabalho, é importante lembrar que a paisagem de fronteira, como colocado por Dell’Agnese e Szary (2015, p. 2), por ser um termo que combina os conceitos de paisagem e de fronteira, abrange também suas “ambiguidades não resolvidas” e as multiplica. Assim, o primeiro passo a se dar neste trabalho é, antes de se pensar em discutir as paisagens fronteiriças, refletir sobre os conceitos de paisagem e de fronteira.

1.3 ÁREA DE PESQUISA

A área de estudo escolhida para essa pesquisa é parte da fronteira entre Brasil e Argentina e inclui as cidades de São Borja e Santo Tomé (Figura 1). São Borja é um município localizado no estado brasileiro do Rio Grande do Sul, na região sudoeste do estado e Santo Tomé é uma cidade argentina da província de Corrientes. Ambas são classificadas como cidades gêmeas e formam um ponto de encontro entre Brasil e Argentina, às margens do rio Uruguai.

Segundo Pinto (2015), a região formada por essas cidades possui grande potencial de investigação pela identidade socioterritorial e histórica missioneira das cidades e pelos diálogos culturais e econômicos bilaterais que ali se materializam, por ser uma zona de fronteira. A fronteira oeste gaúcha tem sido objeto de estudos acadêmicos de diversas áreas da ciências humanas, como a História, Geografia, Políticas Públicas e Antropologia, por ser um espaço de múltiplas interações comerciais, culturais, militares e migratórias. Essas interações criaram um ambiente

propício para a análise de temas como a construção da identidade nacional, interações fronteiriças, práticas culturais e história regional (STRASSBURGER, 2018).

As missões Jesuíticas, também conhecidas como missões Guarani, foram um conjunto de aldeias fundadas pelos jesuítas espanhóis e portugueses na América do Sul durante os séculos XVII e XVIII. O objetivo principal dessas missões era converter os povos indígenas da região ao cristianismo e protegê-los dos ataques dos bandeirantes e de outras ameaças. Os jesuítas se instalaram em áreas que abrangem partes da atual Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, e foram habitadas principalmente pelos povos Guarani. A arquitetura e estética das missões é distintiva, assim como suas igrejas e cruzeiros.

São Borja foi uma das principais missões jesuíticas, fundada em 1697 pelos jesuítas espanhóis com uma população de cerca de 6 mil indígenas e um importante centro econômico e cultural. Em 1750, o Tratado de Madrid estabeleceu a fronteira entre os impérios coloniais português e espanhol na América do Sul, assim as missões jesuíticas foram divididas entre ambos.

Além disso, as cidades de São Borja e Santo Tomé são conhecidas por terem sido os locais de nascimento dos líderes políticos brasileiros Getúlio Vargas e João Goulart, e o argentino Juan Domingo Perón. Essas figuras históricas desempenharam papéis importantes na história de seus países e deixaram marcas na paisagem fronteiriça. De acordo com o geógrafo Muriel Pinto, as vivências de São Borja e Santo Tomé:

estão constantemente dialogando com a espacialidade de uma região de fronteira, que nos últimos séculos privilegiou os fluxos comerciais em contrapartida dos câmbios sociais e culturais regionais, o que contribuiu para a consolidação de fronteiras sociais entre as diversas identidades nas margens do rio Uruguai. (PINTO, 2015, p. 15).

Em resumo, a área de estudo deste trabalho de pesquisa foi escolhida pelo seu potencial de integração e de avanço para a análise metodológica, sendo um ponto de encontro entre duas cidades às margens do rio Uruguai e com histórico de relevância para seus respectivos países e para a compreensão de processos de construção da identidade nacional e das relações internacionais entre os dois países.

Durante o trabalho de campo empreendido, também foi visitado o par de cidades Itaqui (BRA) e Alvear (ARG), que contribuiu para o entendimento das interações entre Brasil e Argentina, assim como as condições fronteiriças do oeste gaúcho.

Figura 1 - Localização das cidades gêmeas: São Borja / Santo Tomé.



Fonte: Pinto, 2023.

1.4 MÉTODOS

A presente pesquisa se faz a partir de uma abordagem qualitativa, com natureza aplicada e caráter exploratório. Os procedimentos utilizados são de revisão bibliográfica integrativa e técnicas de análise experimentais com estudos de caso por meio de pesquisa em campo. Portanto, o trabalho se inicia por meio de revisão de literatura abrangendo trabalhos geográficos e de áreas correlatas, desde clássicos que discutem os conceitos de território, paisagem e fronteira até as produções mais recentes. Os trabalhos sobre fronteiras brasileiras foram selecionados através do Portal UNBRAL Fronteiras (Portal de Acesso Aberto das Universidades Brasileiras sobre Fronteiras e Limites), e os artigos, dissertações e teses estrangeiros advêm de periódicos internacionais, como do *Journal of Borderlands Studies*, da Associação de Estudos Fronteiriços.

Após a revisão de literatura integrativa, em torno do conceito de paisagem de fronteira (objetivo 1), se fez necessário explorar as metodologias de análise conforme as observações feitas durante o estudo teórico e das diferentes tipologias fronteiriças (objetivo 2). Através do mesmo exercício, foi feita a escolha da área de estudo para a aplicação dos procedimentos metodológicos dessa pesquisa a partir de trabalho de campo e análise dos resultados obtidos, através da leitura de paisagem (objetivo 3).

Sobre a revisão bibliográfica integrativa destaca-se que ela é uma técnica de pesquisa que consiste em analisar, selecionar e sintetizar diversas fontes de informação relevantes sobre um tema específico, a fim de construir uma compreensão ampla e profunda do assunto em questão. Essa técnica envolve a busca e a avaliação crítica de artigos, livros, teses e dissertações e outras fontes de informação relevantes, com o intuito de integrar as informações obtidas em uma visão mais completa e precisa do tema estudado (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

A busca pelos textos nos periódicos e diretórios de trabalhos acadêmicos foi feita a partir das seguintes palavras-chave: paisagem, fronteira, paisagem fronteiriça e transfronteiriça, paisagem política, interações fronteiriças e transfronteiriças, integração fronteiriça e transfronteiriça. A mesma busca também se repetiu com os mesmos termos em espanhol, inglês e francês para enriquecer o arcabouço teórico.

A seleção dos textos se fez com a leitura dos resumos e considerações finais de cada trabalho, para definir se havia relação com os objetivos da pesquisa ou não. Depois de selecionados, deu-se início a leitura de todos os trabalhos e a construção do referencial teórico apresentado no capítulo 2 desta dissertação.

Percebe-se, com a lista de referências utilizadas neste trabalho, que as discussões propostas recentemente na Geografia Política e nos Estudos Fronteiriços não necessariamente se limitam mais às escolas nacionais tradicionais, como por exemplo, ocorreu na geografia brasileira por muito tempo pela influência da escola francesa. Inclusive, num trabalho recente sobre a Geografia Política brasileira e suas perspectivas no século XXI, Dorfman e Monteiro (2022) apresentam a ideia de que as escolas nacionais tradicionais estão sendo reconfiguradas, a partir da consolidação de publicações internacionais; não que isso elimine as desigualdades na academia por completo.

Por sua vez, o trabalho de campo envolve a coleta de dados empíricos por meio de técnicas de observação e registro, com o objetivo de complementar as informações obtidas na revisão bibliográfica integrativa. É importante ressaltar que o trabalho de campo deve ser planejado e executado com rigor e de forma sistemática, para garantir a validade e a confiabilidade dos dados obtidos (SERPA, 2006)

A importância do trabalho de campo está relacionada à necessidade de obter dados empíricos que possam validar ou refutar as hipóteses e as conclusões da pesquisa. A utilização de técnicas como a observação direta com registros em diários de campo, permite que o pesquisador adquira informações que ainda não constam em repositórios acadêmicos e na literatura científica. Além disso, a pesquisa de campo aproxima o pesquisador do fenômeno estudado, aprofundando sua compreensão.

Em relação aos objetivos desta pesquisa, o trabalho de campo é essencial para aquisição de dados e reconhecimento da área de estudo. A leitura da paisagem, como se vê posteriormente neste texto, pode ser realizada através de registros fotográficos, mas o papel dos interlocutores - atores da fronteira que dialogam com o pesquisador - é fundamental para a compreensão dos processos e práticas fronteiriças, assim como para aproveitar o curto tempo nas cidades.

Após a obtenção dos dados: depoimentos, percepções, materiais sobre as condições históricas das cidades e os registros fotográficos, é feita a organização das informações reunidas e realizada a análise para verificação da hipótese e escrita final do trabalho.

2 FRONTEIRAS E PAISAGENS NA GEOGRAFIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA

Em primeiro lugar, entende-se este trabalho como um produto de pesquisa a partir de uma perspectiva da Geografia Política contemporânea, como disciplina acadêmica e ramo da ciência geográfica. Para se compreender o histórico deste campo do conhecimento e suas concepções, inclusive a de **Geografia Política contemporânea**, se fez a leitura do trabalho seminal da geógrafa Iná Elias de Castro intitulado Geografia e Política – Território, escalas de ação e instituições, publicado em 2005.

A definição para o campo da Geografia Política tradicional é colocada pela autora como “a relação entre a política – expressão e modo de controle dos conflitos sociais – e o território – base material e simbólica da sociedade”. (CASTRO, 2005, p. 79). Aqui é importante, como ressalta Raffestin (1993), não confundir território com espaço. O território mesmo que produzido no espaço geográfico, envolve laços de poder, ou seja, redes que comunicam e se hierarquizam, assim como também são constituídas e construídas por atores territorializadores (RAFFESTIN, 1993).

A Geografia Política clássica surgiu no século XIX e se desenvolveu principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Nessa abordagem, o Estado era visto como a principal fonte de poder política e o espaço geográfico era analisado de forma estática e fragmentada, sem levar em conta as relações sociais e econômicas que o constituem. A diferenciação entre essa disciplina, da tradicional para a contemporânea, se dá no fenômeno da multiplicidade escalar, pois que atualmente uma “sociedade pode existir em múltiplas escalas, do local à mundial” assim formando, também, múltiplas espacialidades”. (CASTRO, 2005, p. 80).

Se desenvolvendo também em países latino-americanos e africanos, principalmente a partir da década de 1970, a Geografia Política contemporânea (e posteriormente, crítica) entende o espaço geográfico como parte do constructo social e histórico, com relações sociais que resultam de processos políticos, econômicos e culturais que se desenvolvem em múltiplas escalas (ROSIÈRE, 2018). Assim, essa abordagem também se preocupa com as formas de resistência e de luta contra com o poder, a fim de compreender as dinâmicas políticas que se reproduzem no espaço.

Enquanto os processos e conflitos geográficos atuais reconfiguram as espacialidades do passado, a Geografia Política precisa também de adaptação e renovação para entender as novas relações territoriais e de poder. Como afirma Castro (2005, p. 41) “uma geografia política que privilegie apenas uma dessas escalas (geográficas), em detrimento de outras, será necessariamente incompleta”.

O geógrafo Stéphane Rosière (2018) nos traz o histórico e as tendências contemporâneas da Geografia Política e da Geopolítica a partir da perspectiva francesa. Em seu trabalho, é ressaltada a orientação crítica dessas áreas do conhecimento no cenário atual, onde os estudos geográficos envolvendo poder e território buscam produzir leituras anti-hegemônicas e anti-imperialistas. Ou seja, no movimento contrário da época inicial dessas disciplinas.

Inclusive, percebe-se em Dorfman e França (2017) e Naylor et al. (2018), entre outros, que há um esforço recente na academia para a inclusão e intervenção do pensamento de(s)colonial na Geografia Política, visto que uma perspectiva crítica deve se atentar às relações de colonialidade, poder e hierarquização do sistema internacional também.

Como parte inicial deste trabalho de pesquisa, busca-se identificar a presença das fronteiras e paisagens, como conceitos geográficos e políticos, dentro da Geografia Política contemporânea e dos Estudos Fronteiriços.

2.1 FRONTEIRAS PARA A GEOGRAFIA POLÍTICA E OS ESTUDOS FRONTEIRIÇOS

Ao se tratar de fronteiras é preciso, primeiramente, saber distingui-las. Historicamente, na conceituação brasileira há uma distinção entre os conceitos de fronteira e de limite e, para isso, nos são fornecidas breves definições, de acordo com seus respectivos usos e espacialidades. Normalmente, essas definições colocam a fronteira como espaço de interação e o limite como espaço de separação entre Estados. (MACHADO, 1998). Também, costuma-se a se colocar a fronteira como algo que delimita duas realidades distintas, o que não é necessariamente verdade, visto que

em muitas vezes as fronteiras produzem, na verdade, uma realidade única (FERRARI, 2014).

Por mais que as fronteiras, principalmente depois da consolidação do chamado Estado moderno de origem europeia, tenham significado primário de divisor político-territorial, como coloca Ferrari (2014), elas são – ou poderiam ser – vistas e percebidas como espaços de encontros e trocas. O termo **zona fronteiriça**, bastante utilizado pela geógrafa Maristela Ferrari, reforça essa ideia da fronteira como uma área, onde ocorrem dinâmicas das regiões de fronteira, como migrações, comércio, intercâmbio cultural, securitização e desafios ambientais. (FERRARI, 2011).

Importante diferenciar aqui a zona e a faixa de fronteira, que é outro termo bastante utilizado em textos dos Estudos Fronteiriços e na legislação brasileira referente ao tema. A faixa de fronteira tem sua definição, conforme Moura e Oliveira (2018), pela Lei nº 6.634/1979 e corresponde ao espaço de 150 quilômetros do limite internacional ao interior do território nacional.

O objetivo principal da faixa é proteger a soberania nacional e garantir a segurança do país, ou seja, sua finalidade é garantir que o território nacional esteja protegido de fenômenos caracterizados como ameaça ao Estado: contrabando de drogas, armas, mercadorias ilegais, bem como a entrada de imigrantes ilegais. Além disso, a faixa de fronteira é importante para a promoção do desenvolvimento econômico e social da região, por meio de políticas públicas (CARNEIRO; CAMARA, 2019).

Os processos únicos das zonas fronteiriças também se diferenciam entre as diversas fronteiras ao redor do mundo. Para conceituar essas especificidades que compõem as respectivas regiões fronteiriças e fazem parte do cotidiano dos sujeitos fronteiriços, Dorfman (2013) utiliza o termo **condição fronteiriça**. A autora explica isso dizendo que:

A condição fronteiriça é entendida aqui como um *savoir passer* (saber passar) adquirido pelos habitantes da fronteira, acostumados a acionar diferença e semelhanças nacionais, linguísticas, jurídicas, étnicas, econômicas, religiosas que ora representam vantagens, ora o cerceamento de trânsito ou direitos. (DORFMAN, 2013, p. 10)

Assim, também é importante ressaltar que essas condições fronteiriças não são iguais em todas as zonas fronteiriças, elas possuem aspectos, processos e são compostas por culturas, identidades e legislações diferentes (DORFMAN, 2013). Essas condições podem se expressar de diversas formas na paisagem, como: a presença de rios, montanhas, desertos ou outras barreiras naturais que afetam o movimento de pessoas ou mercadorias. A existência de conflitos entre países vizinhos, assim como diferenças significativas que dificultem o diálogo, produzem paisagens de fronteira diferentes das regiões com alta integração e interculturalidade.

Dentro do campo temático sobre os processos únicos à fronteira, Rückert, Carneiro e Uebel (2015) discutem as **regiões transfronteiriças** e **processos de transfronteirização**, principalmente na América do Sul, considerando-a uma “região geopolítica, isto é, uma entidade política transnacional dotada de unidade mínima e arcabouço institucional” (RÜCKERT; CARNEIRO; UEBEL, 2015, p. 162). Dessa forma, estes autores atribuem a classificação de “transfronteiriço” às regiões e processos que acompanham dinâmicas, fluxos e interações através da fronteira e valorizam as possibilidades de aliança e “internacionalização de territórios”.

Em Tapia (2017), é dito que a região ou zona fronteiriça se caracteriza também como transfronteiriça não apenas pela “proximidade de populações ou cidades” (p. 75), mas principalmente devido às trocas, aos diálogos, ao nível de integração entre dois ou mais lados da fronteira.

Portanto, as dinâmicas e os processos fronteiriços são fenômenos específicos dessas regiões e se diferenciam conforme as distintas condições fronteiriças. Essa variação se percebe, também, em relação ao nível de integração e de institucionalização das comunidades fronteiriças. Por exemplo, em zonas fronteiriças integradas e sem conflito, a paisagem terá elementos que representem isso: trânsito tranquilo, marcas / placas / monumentos que comuniquem a harmonia, pessoas que convivem em ambos países com naturalidade e produzem uma identidade fronteiriça.

Em 1963, o geógrafo Julian V. Minghi comentou sobre a relação quase intrínseca das fronteiras (e os limites) com a Geografia Política. Na época, fronteiras e limites (*borders and boundaries*) ainda eram equivocadamente consideradas como sinônimos em dados momentos. No entanto, desde então já era visível como as fronteiras eram

processuais e móveis, se moldando e se rompendo, conforme os jogos de poder iam sendo arquitetados em diferentes escalas (MINGHI, 1963).

Devido a classificação das cidades que compõem área de estudo deste trabalho em 'cidades gêmeas', se faz necessário apresentar sua concepção nos estudos de fronteira brasileiros, assim como sua função no planejamento territorial e gestão pública. Conforme Machado (2005), cidades gêmeas configuram-se como "o meio geográfico que melhor caracteriza a zona de fronteira" (p. 12) e são:

adensamentos populacionais, cortados pela linha de fronteira, seja esta seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, apresentam grande potencial de integração econômica e cultural assim como manifestações localizadas dos problemas característicos da fronteira. [...] cidades-gêmeas devem constituir-se em um dos alvos prioritários das políticas públicas para a zona de fronteira (MACHADO, 2005, p. 12 e 13)

Silva e Oliveira (2008) discutem a importância das cidades gêmeas em sua capacidade de articulação e de demonstração da possível integração regional entre os países fronteiriços. Os autores colocam que "as redes urbanas, em suas diversas escalas (local, regional, nacional, transnacional) têm no urbano a sua articulação" e, assim, como duas cidades conurbadas, o desenvolvimento de sua integração pode gerar benefícios recíprocos às cidades, no que tange à gestão urbana (SILVA; OLIVEIRA, 2008)

Em 2014, a Portaria nº 125/2014 do Ministério da Integração também estabelece em lei o conceito de cidades gêmeas, devido sua relevância para integração fronteiriça e sul-americana (BRASIL, 2014)

Assim, este conceito foi institucionalizado pelos agentes políticos brasileiros e cumpre uma função no ordenamento territorial e gestão urbana das cidades fronteiriças brasileiras.

2.2 PAISAGENS E SUAS RELAÇÕES COM A FRONTEIRA

Por motivos evidentes, aqui não se pretende esgotar as discussões epistemológicas entre as correntes geográficas que chegaram ao que entendemos como paisagem atualmente. No entanto, a partir do trabalho de Amanda Scofano de Andrade Silva (2017) pode-se visualizar as mudanças conceituais relacionadas à paisagem e algumas das diferentes perspectivas que utilizaram dessa concepção ao longo do desenvolvimento das ciências espaciais.

Denis Cosgrove (1985) mostra que o conceito de paisagem surge primeiramente como uma ideia, um termo referido ao visual; com o passar dos anos, revisões e críticas, principalmente formuladas por geógrafos humanistas, (res)significam e renovam o debate. Historicamente, esse conceito passou por diversas etapas conflituosas, quando surgiram abordagens distintas para seu estudo. O geógrafo Roberto Lobato Corrêa (1997) ao sugerir uma bibliografia para o estudo da paisagem geográfica, ressalta a dificuldade em reunir os diversos trabalhos dessa temática, que muitas vezes não se dirigem apenas a geógrafos. O autor coloca que:

A paisagem constitui-se em um conceito-chave da geografia. Juntamente com região, espaço, território e lugar forma um conjunto de conceitos através dos quais o geógrafo objetiva o estudo da sociedade, este objeto comum a todas as ciências sociais. [...] Após um período em que a paisagem geográfica foi, entre muitos geógrafos, relegada a um plano secundário, renasce, a partir de 1970, como um dos conceitos-chave da geografia (CORRÊA, 1997, p. 50).

Em Tress et al. (2001), entende-se a diversidade e amplitude do conceito de paisagem em distintas áreas do conhecimento (ciências naturais, sociais, humanidades e artes) e também se verifica uma ausência do seu uso para diálogos interdisciplinares. Bärbel e Gunther Tress (2001) evidenciam essa lacuna que surge com a falta de uma abordagem comum entre as disciplinas e que faz com que diferentes definições de paisagem coexistam. Assim, entender a paisagem como um “esforço transdisciplinar” é necessário para entender a impossibilidade de esgotar as múltiplas conceituações do termo (TRESS; TRESS, 2001, p. 145).

Assim, nesse trabalho de pesquisa, utiliza-se a paisagem como um “sistema complexo e vivo” que se origina pela dinâmica de elementos naturais e sociais que se interrelacionam (TRESS; TRESS, 2001, p. 149) (MAXIMIANO, 2004). Ou seja, como uma categoria do espaço geográfico que oferece a representação de fenômenos e dinâmicas localizadas.

Como dito anteriormente, a paisagem possui diferentes abordagens e concepções. Em Souto (2011) se faz um recorrido da utilização deste conceito desde a geografia clássica, com sua abordagem mais estética, à geografia contemporânea, com seu olhar humanista associado ao lugar em si. Assim, percebe-se que além de ser alvo de numerosos debates da ciência geográfica, a paisagem ocupa um função em diversas correntes da Geografia – em análises ambientais, culturais, territoriais, socioespaciais, etc. Neste trabalho, busca-se, uma análise **política** da paisagem para a compreensão das relações nela estabelecidas.

Foi percebido com a revisão bibliográfica integrativa do conceito, que na Geografia Política Clássica, a paisagem era visualizada como um dado puramente natural e, portanto não estava necessariamente relacionada às questões políticas e sociais de uma região. A ênfase era na análise da organização política dos Estados nacionais e na relação de poder entre as nações, sem uma preocupação explícita com a particularidade das paisagens. Por sua vez, na Geografia Política Contemporânea, a paisagem é vista como um elemento fundamental nas relações de poder e nas questões políticas e sociais de uma região. Assim, a última, reconhece a importância crítica da paisagem como elemento de análise para compreender as relações políticas e sociais em região.

Para compreender a noção de **paisagem política**, assim como sua origem e discussão conceitual, se utiliza o trabalho do geógrafo francês André-Louis Sanguin (1984) que apresenta quando e como a Geografia Política e Cultural se apropriaram da discussão sobre paisagens. O autor define a paisagem política como as marcas deixadas pela autoridade e a ideologia na paisagem, cuja evolução pode ser examinada ao longo do tempo. Sanguin, também, propõe a visualização dessa paisagem política a partir de três níveis (nacional, regional e local) e ressalta que são nas zonas fronteiriças

que se pode melhor visualizar o impacto da(s) política(s) na paisagem (SANGUIN, 1984).

Percebe-se que essa conceituação se encaixa na Geografia Política contemporânea, pois leva em conta a multiplicidade escalar e já considera a paisagem como reveladora de informações políticas. O autor também atribui à fronteira uma melhor visualização do impacto da política, devido as marcas visíveis da autoridade e ideologia: presença militar, postos de controle, disputas territoriais.

Em seu livro sobre os conceitos fundamentais à pesquisa sócio-espacial, Marcelo Lopes de Souza (2018) apresenta, em grande medida, um histórico da evolução do conceito de paisagem, desde sua etimologia (*landschaft* e *landscape*) até suas concepções e usos atuais, na Geografia e em outros campos do conhecimento, como Arquitetura, Artes, etc.

No geral, o autor considera que a paisagem é um conceito geográfico que merece o esforço de sua valorização para a compreensão de diversos processos sócio-espaciais, afinal, como ele mesmo coloca: “a paisagem é reveladora, muito embora revele “ao encobrir” e, também, “a paisagem é uma forma, uma aparência – e não há nada intrinsecamente ruim com isso, a não ser que a nossa própria limitação mental faça disso algo ruim.” (SOUZA, 2018, p. 51). Ou seja, a paisagem é um conceito e uma categoria de análise com um grande potencial para leituras críticas dos processos e práticas pertinentes ao estudo geográfico, por isso deve ser analisada e discutida com rigor e atenção.

Segundo Milton Santos (2007, p. 67), “tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem” e, mesmo sendo uma breve definição, que parece simples à primeira vista, a paisagem é de uma complexidade que a torna objeto de estudo de um grande número de geógrafos e geógrafas ao redor do mundo. O mesmo autor coloca que “cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais [...]” (SANTOS, 2007, p. 70). Assim, a partir da leitura da paisagem se pode perceber e compreender os processos e atores que, nesse recorte do espaço geográfico, atuam, produzem e transformam.

É importante ressaltar que o geógrafo Milton Santos, uma figura seminal para a Geografia brasileira, apesar de abordar o tema da paisagem em sua obra, não se

aprofundou especificamente nessa temática. No entanto, suas contribuições são relevantes para a discussão, uma vez que ele retoma e discute importantes conceitos para essa pesquisa (forma, função, estrutura e processo). Acredita-se que é importante trazer sua obra para a discussão acerca das paisagens de fronteira, tendo em vista sua importância e influência na Geografia.

De acordo com Verdum, Vieira e Pimentel (2016), as abordagens para a análise ou leitura das paisagens podem ser diversas, mas primeiro se faz importante entendê-las em duas formas: a **paisagem concreta** e a **paisagem fenomenológica**. Resumidamente, a primeira incorpora os processos relacionados à morfologia do espaço percebido, enquanto a segunda está ligada diretamente com a subjetividade, ou seja, às representações sociais que compõem a paisagem. Mesmo com essa duplicidade, essas duas concepções da paisagem não são opostas, mas sim devem ser agregadas para uma leitura completa e integrada. Essa leitura se faz, então, somando os processos morfológicos e, especificamente, físicos que moldam a paisagem aos processos sociais e identitários, que também caracterizam e transformam essa categoria do espaço geográfico, ao longo do tempo (VERDUM; VIEIRA; PIMENTEL, 2016). Entende-se aqui que a análise da morfologia também pode ser incorporada à noção de paisagem política.

Como visto anteriormente, a Geografia Política tradicionalmente nos remete ao conceito de território, por seu englobamento das relações de poder no espaço geográfico e, por isso, ainda há algum estranhamento na associação da paisagem a este ramo da Geografia. Em seu trabalho sobre diferentes abordagens e concepções sobre o território, outro conceito geográfico relevante na análise aqui proposta, o geógrafo Marcos Aurelio Saquet (2020) discute algumas outras abordagens para a paisagem geográfica, como a naturalista, historicista e materialista, e explora as relações entre território e paisagem. Ele destaca, então, que a “paisagem é uma leitura de alguns aspectos do mundo, é *inventada* pela sociedade” (p. 155), enquanto o território se dá de forma material e não tem ligação obrigatória com sua representação (SAQUET, 2020, p. 155).

Tanto as fronteiras, como as paisagens, interagem com os territórios e, também, são compreendidas no escopo de estudo da Geografia Política. Tendo isso em mente,

direciona-se o estudo para a compreensão das paisagens de fronteira e suas multiplicidades.

2.3 PAISAGENS DE FRONTEIRA: CONCEITOS E MÉTODOS

Após realizar uma apresentação introdutória dos conceitos de fronteiras e paisagens, direciona-se o estudo para pensar nesses dois termos como um conceito composto: a paisagem de fronteira. Nesta pesquisa são utilizados principalmente os trabalhos de Rumley e Minghi (1991), Sanguin (2015) e Dorfman, Lara-Valencia e Velozo (2020) para se compreender a origem da paisagem fronteira como conceito, assim como suas metodologias e variações.

No entanto, o uso do termo “paisagem de fronteira” antecedeu esses trabalhos. O geógrafo André-Louis Sanguin (1984) ressaltou que, na primeira metade do século XX, Derwent Whittlesey (1935) já escrevia sobre os efeitos da autoridade na paisagem, destacando as fronteiras internacionais como exemplo de onde se percebe a efetividade da autoridade. Com o objetivo de manter a segurança nacional, o Estado constrói postos de controle (alfândegas e aduanas), marcando assim uma paisagem política.

Aproximadamente cinquenta anos depois do trabalho de Whittlesey, em seu livro “*Political Frontiers and Boundaries*” (Fronteiras Políticas e Limites, em português), John Robert Victor Prescott intitulou o capítulo seis desta obra como *Border Landscapes* (paisagens de fronteira, em português) e apresentou algumas definições e discussões sobre a paisagem cultural em torno dos limites nacionais e internacionais. Conforme a expressão “*le voisinage*” (vizinhança, em português), utilizada por La Pradelle (1928) e recentemente revisitada por Perrier (2020) para se referir à zona formada ao redor do limite, Prescott (1987) afirma que não há sentido de se atentar apenas ao limite, ignorando o contexto das áreas adjacentes, assim diferenciando também as fronteiras e os limites. A partir disso, o autor pensa as influências que o limite pode causar na paisagem ou, inclusive, se ele é um elemento da paisagem cultural (PRESCOTT, 1987).

Por fim, Prescott (1987) entende que, em grande medida, os estudos envolvendo paisagens de fronteira apareceram como resultado de estudos maiores que lidavam

com a evolução dos limites ao redor do mundo, sem uma atenção específica às paisagens em si, por mais que os geógrafos estivessem cientes das influências que a presença dos limites nacionais ou internacionais exercem na formação das paisagens.

Em 1991, foi lançado o primeiro livro dedicado ao estudo das paisagens de fronteira propriamente. Os geógrafos Denis Rumley e Julian Vincent Minghi lançaram "*The Geography of Border Landscapes*" (A Geografia das Paisagens de Fronteira, em português). A obra discute a paisagem de fronteira como um conceito geográfico relevante e muitas vezes deixado de lado por geógrafos políticos, assim como traz alguns estudos de caso realizados por acadêmicos que estudam zonas fronteiriças de diversas regiões mundiais, como Indonésia, Papua Nova Guiné, Paquistão, Suíça, Itália, etc.

Rumley e Minghi (1991) afirmaram que o debate conceitual em torno das paisagens de fronteira ainda era escasso e acreditavam que o motivo era a "síndrome de conflito" que afligiria os pesquisadores. Estes se limitariam a imaginar a fronteira sempre numa chave conflitiva, ignorando, em grande medida, os demais processos de integração, intercâmbio e diálogos culturais. Para superar o "*conflict syndrome*", eles sugerem análises comparativas entre paisagens fronteiriças, como forma de incentivo à discussão sobre esse conceito que aproxima debates das ciências sociais e induz à visualização das regiões (trans)fronteiriças (RUMLEY; MINGHI, 1991). Ainda que válida, essa ideia é melhor entendida em seu contexto de origem, pois entre os brasileiros, o foco dos estudos fronteiriços está bastante distribuído entre preocupações com conflitos, com integração e identidades. Como é dito anteriormente, há que se considerar cada condição fronteiriça e as teorias que elas inspiram.

Essa publicação teve como objetivo trazer atenção às paisagens fronteiriças e avançar o debate em torno do conceito, que é tido como uma ferramenta para melhor entender a organização do espaço. Portanto, os textos presentes no livro apresentam também uma crítica aos estudos tradicionais a respeito das paisagens de fronteira por se fixarem demasiadamente nas funções visíveis e ignorarem as marcas que destacam os processos que ocorrem no espaço (RUMLEY; MINGHI, 1991).

Além de uma breve revisão do arcabouço conceitual prévio ao livro, com base nos trabalhos e estruturas propostas por House (1981; 1982), os organizadores da obra

apresentam alguns modelos operacionais para os estudos fronteiriços que cumpririam o papel de apresentar a intensidade dos fluxos fronteiriços (RUMLEY; MINGHI, 1991). Dentre os artigos apresentados, há uma certa variedade entre os procedimentos metodológicos utilizados para a leitura das paisagens fronteiriças. Pôde-se observar com frequência o uso de métodos como trabalhos de campo com investigações direcionadas a ambos ou mais lados do limite fronteiriço, análise de documentos históricos que relatam a evolução da fronteira, análise de dados estatísticos a partir de questionários e censos sociais, políticos ou econômicos realizados no local de estudo, exploração cartográfica da área com mapas temporais e mapas mentais que esquematizam os fluxos das interações.

Sobretudo, esta obra e referência para os estudos de paisagens de fronteira ressalta a relevância do tema para a Geografia Política contemporânea, inclusive como espaço de diálogo entre essa e a Geografia Cultural. Foi inferida a necessidade de uma sistematização das investigações sobre as paisagens fronteiriças e destacados alguns pilares para o pensamento referente a essas análises, por exemplo: refletir sobre a mentalidade fronteiriça, pensar a percepção dos fronteiriços sobre o limite e a zona fronteiriça, assim como entender o impacto da forma nesta zona. Se faz importante se questionar também sobre o impacto das zonas fronteiriças nas políticas nacionais e como o comportamento do cenário internacional influencia nessas paisagens (RUMLEY; MINGHI, 1991)

O trabalho de André-Louis Sanguin também identifica possibilidades associadas com o uso do conceito de paisagem de fronteira, assim como propõe a realização de análises comparativas em áreas diferentes para o avanço desse debate. Neste seu texto, ele aponta alguns dos trabalhos prévios que discutem as paisagens fronteiriças, como por exemplos os citados acima. O autor também faz referência à Dell'Agnese (2003) e Bufon (2006), no entanto, estes textos respectivamente trabalham um com paisagem simbólica, cultural e política, e o segundo com espaços transfronteiriços. Por mais que o termo '*border landscape*' seja utilizado nesse último, se vê em diversas traduções do texto, que teoricamente e metodologicamente, não está sendo tratado do conceito de paisagens de fronteira, assim como estamos discutindo no presente trabalho.

Por ser um tema com escassez em produções advindas da Geografia, as paisagens de fronteira precisam de uma revisão dedicada ao avanço do conceito para a consolidação de discussões que o envolvam (SANGUIN, 2015). Segundo o autor: “As paisagens de fronteira são o produto de um conjunto de interações e processos de origem política, econômica e cultural que ocorrem no espaço” (SANGUIN, 2015, p. 390). Assim, a paisagem política, também proposta por Sanguin (1984), quando analisada na região fronteira, possui aspectos e nuances em suas dinâmicas políticas, sociais e culturais que não se apresentam em outras regiões ou recortes espaciais. É importante lembrar, que ao se realizar o estudo de paisagens de fronteira, também é necessário mover a análise de escalas grandes e macro, para escalas locais e regionais (HÄYRYNEN, 2009).

As paisagens de fronteira se diferenciam de acordo com diversos fatores: sejam os acordos políticos e legais que delimitam aquela região, sejam os diálogos interculturais e trocas comerciais. Sanguin (2015) propõe uma tipologia: paisagens de fronteiras de compras (lojas *duty-free*), paisagens urbanas de fronteira (cidades gêmeas cortadas por limites territoriais), paisagens de fronteira em áreas rurais e paisagens de fronteiras de guerra (zonas tampão), permitindo imaginar os respectivos tipos de paisagens que podem ser encontradas nas fronteiras por ele analisadas. Em relação a metodologia, o autor realiza uma avaliação teórica de textos que relatam e destacam processos marcantes em zonas fronteiriças ao redor do mundo, para assim postular as tipologias que ele apresenta.

É importante destacar aqui, também, a diferença entre paisagens fronteiriças e transfronteiriças, que não se dá apenas com o prefixo do termo. Com base nos conceitos apresentados, entende-se que a **paisagem fronteiriça** refere-se ao elementos naturais e culturais que definem a fronteira entre dois ou mais países. Ou seja, inclui aspectos físicos (montanhas, rios e desertos), assim como construções humanas (muros, postos de controle e passagens), e leva em conta as práticas culturais e identidades associadas à zona de fronteira.

Por outro lado, a **paisagem transfronteiriça** se refere às características físicas e culturais que transcendem os limites territoriais, abrangendo elementos que são

compartilhados pela comunidade de ambos lados da fronteira, como tradições culturais, padrões migratórios e ecossistemas.

Com preocupações similares, porém com abordagens distintas, o conceito de *borderscape* também deve ser mencionado nessa discussão (RAJARAM; GRUNDY-WARR, 2007). A antropóloga italiana Chiara Brambilla aprofundou a discussão sobre o conceito de *borderscape*, onde mostra seu potencial crítico para os Estudos Fronteiriços, propondo uma perspectiva sobre a fronteira que se afasta da sombra do Estado. Conforme a autora:

tal potencial advém principalmente da oportunidade que o conceito de *borderscape* oferece ao ressaltar o fundamental papel das fronteiras na produção de subjetividade política, assim então mostrando o potencial da *borderscape* como um espaço de liberação para o imaginário político em relação aos imperativos territorialistas [...]. (BRAMBILLA, 2015, p. 18).

Por territorialistas, se faz uma referência direta à territorialidade estatal. Em seu texto, a autora busca tanto apresentar esse potencial crítico das *borderscapes* para o desenvolvimento de abordagens alternativas no estudo de fronteiras, como apresentar diferentes visões geopolíticas sobre essas áreas. O trabalho de Brambilla (2015) traz uma descrição da evolução conceitual de fronteiras nas últimas décadas, onde também são feitas considerações sobre três eixos fundamentais, segundo ela, para se refletir sobre as paisagens de fronteira, o eixo epistemológico, o ontológico e o metodológico, ou seja, diferentes modos de visualização e compreensão para a *borderscape*.

Em resumo, o termo *borderscapes* pode ser visto como uma ferramenta para se compreender a dinâmica da produção da paisagem em áreas fronteiriças e as mobilidades (BRAMBILLA, 2015). Esta mudança na conceituação e percepção sobre as fronteiras internacionais enriquece e complexifica o imaginário social em relação a essas zonas. De linhas, limites e marcos de separação para regiões, zonas e paisagens de encontro, dinâmica, mobilidade e intercâmbio. Assim, a autora visualiza a paisagem como fonte de identidade e as *borderscapes* como fonte de territorialização de pessoa em trânsitos transfronteiriços.

Por fim, enfatiza-se aqui que cada autor(a) citado, assim como suas definições de paisagens de fronteira, são influenciados por suas respectivas condições fronteiriças. Por exemplo, Sanguin estuda fronteiras francesas, Rumley e Minghi são

especialistas nas fronteiras do Pacífico, enquanto Brambilla estuda *borderscapes* na Itália e Tunísia, assim como o autor deste trabalho tem como base suas experiências de pesquisa nas fronteiras gaúchas.

2.4 A OPERACIONALIZAÇÃO DA LEITURA DE PAISAGENS DE FRONTEIRA

O que se faz necessário agora é compreender como essas paisagens e, principalmente, a leitura delas, pode contribuir para a compreensão das relações, dinâmicas e (con)vivências ali formadas e, também, entender como as interações fronteiriças podem se expressar nas paisagens de fronteira.

Em Dorfman, Lara-Valencia e Velozo (2020) é discutida a operacionalização do estudo de paisagens de fronteira. No entanto, neste trabalho também são discutidas as paisagens caracterizadas como transfronteiriças, assim, identificando processos e práticas que envolvem diálogos e trocas de ambos os lados da fronteira.

É preciso então definir a diferença entre o fronteiriço e o transfronteiriço, que se dá na relação com os processos e práticas envolvidas na análise, e não necessariamente ligado a região em si. Por exemplo, se a leitura da paisagem de uma fronteira entre o Brasil e a Argentina é realizada sem levar em consideração as dinâmicas internacionais na escala local, não necessariamente se cria uma leitura transfronteiriça. Em outras palavras, o emprego dos conceitos “fronteiriço” ou “transfronteiriço” está ligado tanto à região em análise, quanto a abordagem metodológica adotada na pesquisa.

Além da identificação dessas paisagens, o trabalho propõe uma metodologia para leitura e investigação desses espaços. Por meio da adaptação de uma matriz de observação sistemática e de um manual para a leitura de paisagens, foram elencados os domínios da paisagem transfronteiriça: forma, função, estrutura e processo/dinâmica (quadro 1), ou seja, categorias de análise que direcionam a exploração e estudo desses locais (SANTOS, 1985) (LARA-VALENCIA, 2018) (VERDUM; FONTOURA, 2009) (DORFMAN; LARA-VALENCIA; VELOZO, 2020).

Todavia, os nomes dados a esses domínios da paisagem não foram concebidos em Dorfman, Lara-Valencia e Velozo (2020). Os conceitos de forma, função, estrutura e

processo são amplamente utilizados em diversas disciplinas, como a Biologia, a Ecologia e a Arquitetura. Assim, eles não foram desenvolvidos por uma única pessoa ou em uma única disciplina, mas sim evoluíram ao longo do tempo à medida que diferentes pesquisadores buscaram entender o ambiente natural e construído.

Na Biologia, por exemplo, a forma e a função têm sido utilizados desde os tempos de Aristóteles, que distinguia entre a forma (morfologia) e a função dos organismos vivos. Na Ecologia, por sua vez, a estrutura e o processo são usados para descrever as relações entre diferentes componentes dos ecossistemas e os processos que os regulam. Na Arquitetura, a forma, a função e a estrutura são utilizadas desde Vitruvius afirmando que um edifício deve exibir *firmitas* (força estrutural), *utilitas* (funcionalidade) e *venustas* (beleza estética). Essas categorias foram desenvolvidas ainda mais durante o movimento modernista na Arquitetura, com arquitetos como Le Corbusier e Walter Gropius, enfatizando a importância de forma e função no projeto de edifícios (EICHENBAUM; GALE, 1971).

Em Geografia, esses conceitos são utilizados para descrever as relações entre diferentes elementos da paisagem, como formas de relevo, vegetação, atividades humanas, relações e processos sociais. A forma, a função, a estrutura e o processo são também categorias do método geográfico, conforme Santos (1985), fazendo parte da estrutura espaço-temporal e, assim, sendo essencial às análises socioespaciais. Verdum e Fontoura (2009) utilizaram dessa nomenclatura em seu manual de leitura de paisagem e para esta pesquisa é realizada a justaposição dessas categorias com os domínios das paisagens fronteiriças propostos por Lara-Valencia. (2018; 2021).

Quadro 1 - Resumo os Domínios da Paisagem Transfronteiriça

DOMÍNIO	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS
FORMA	Aspecto visível de uma paisagem, com elementos do ambiente natural e construído facilmente reconhecíveis em campo, que expressam as oportunidades e os fluxos de interação através das fronteiras.	Ocupação das terras, relevo, presença de água, cobertura vegetal, morfologia urbana, condições de arruamento, etc. Símbolos nacionais, placas, postos de controle, pontes, túneis, canais, muros etc.

FUNÇÃO	Apropriação do espaço e uso social. A interação, as complementaridades, interdependências ou a separação entre ambos os lados da fronteira em atividades ligadas à economia e às sociedades.	Turismo, compras, viajantes, migrações, comércio. Serviços e fluxos humanos e econômicos continuados ou intermitentes.
ESTRUTURA	O alcance dos mecanismos formais e informais e as normas e leis criadas para regular as interações sociais e econômicas na área. Revela a natureza social e econômica do espaço fronteiriço.	Intervenções estatais realizadas e propostas. Infraestruturas de saúde, educação e outros serviços públicos compartilhados ou não. Cooperação, coordenação, acordos, redes, planos, coalizões, conselhos, etc.
PROCESSO/ DINÂMICA	Práticas culturais e simbólicas contínuas que geram semelhanças e diferenças entre as unidades de paisagem ao longo do tempo, em sua continuidade e em mudanças.	Dinâmicas derivadas das interações sociais e econômicas. Dinâmicas culturais e simbólicas (artes, língua, etc.) expressando alteridade, identidade e pertencimento transfronteiriços, etc.

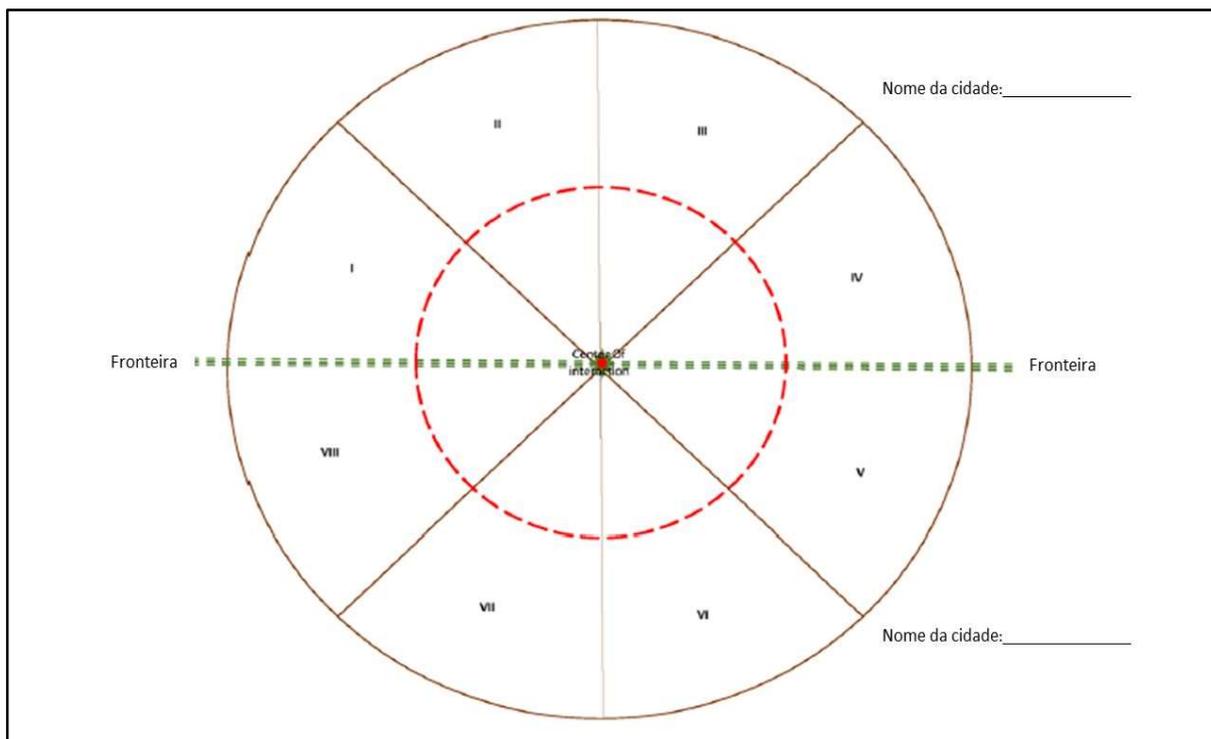
Fonte: Elaborado por Adriana Dorfman a partir de Lara-Valencia (2018), Verdum; Fontoura (2009) e Santos (1985). Publicado por Dorfman, Lara-Valencia e Velozo (2020).

Dependendo da região, percebe-se que os domínios nem sempre são simples de delimitar e definir. No entanto, se sabe que em cidades gêmeas e espaços de maior integração local, é quase impraticável pensar a paisagem fronteiriça não levando em conta os processos e movimentos de ambos lados da fronteira. Nos Estudos Fronteiriços e na Geografia Política se percebe cada vez mais um aumento do interesse nos constructos sociais e movimentos gerados pelas interações sociais, políticas e econômicas nas fronteiras, ou seja, os limites tornam-se na verdade linhas de conexão, não de divisão (NEWMAN, 2006)

Nesta pesquisa, se dá prioridade ao domínio da **forma**, devido ao escopo do projeto, mas ressalta-se que mesmo desse modo, os domínios transbordam e dialogam entre si. Além dos domínios acima citados, foi proposta também uma matriz de observação sistemática (figura 2) que auxilia a visualização da área de estudo, tanto para uma exploração virtual da zona fronteiriça, por meio de softwares como o *Google Earth*, como para a preparação de trabalhos de campo (LARA-VALENCIA, 2018).

Portanto, a metodologia de Dorfman, Lara-Valencia e Velozo (2020) avança a discussão em relação ao método para leitura de paisagens transfronteiriças, apesar das limitações que surgem conforme o tipo de zona fronteiriça abordada.

Figura 2 - Matriz de Observação Sistemática



Fonte: Lara-Valencia (2018).

A matriz se torna uma ferramenta importante para a leitura das paisagens de fronteira, pois permite a análise organizada e estruturada dos elementos presentes nesses ambientes. Ela é utilizada para registrar e classificar características específicas da paisagem, para assim se compreender as dinâmicas e as interações entre os elementos presentes em uma zona fronteiriça.

Para utilizá-la, é necessário sobrepor a matriz de observação sistemática a uma imagem de satélite ou registro fotográfico vertical da paisagem a ser analisada. Nesse processo, são definidos, no mínimo, dois quadrantes para análise comparativa. Em seguida, por meio de trabalho de campo, é realizado um levantamento de dados através de observações diretas e outras técnicas de campo. Por fim, com base nos

dados obtidos em cada um desses quadrantes, é realizada uma análise qualitativa que proporciona uma leitura abrangente da paisagem fronteiriça e de suas interações.

2.5 AS INTERAÇÕES FRONTEIRIÇAS E TRANSFRONTEIRIÇAS

Se faz necessário entender também o que são as interações fronteiriças e transfronteiriças que, como se sugere neste trabalho, podem ser analisadas a partir da leitura de paisagens de fronteira.

As interações de fronteira se referem às trocas sociais, econômicas, culturais e políticas que ocorrem entre pessoas e comunidades localizadas nas zonas fronteiriças. Essas trocas podem levar à criação de redes transfronteiriças e o desenvolvimento de identidades compartilhadas e práticas culturais únicas da localidade. Também, podem contribuir para o crescimento econômico e institucionalização dessas comunidades, através da integração.

Para entender o que é integração e diferenciá-la da ideia de interação, adota-se a definição de Sohn (2014), que entende a integração (transfronteiriça) como um processo que se origina pela estratégia de atores que se beneficiam das oportunidades advindas da abertura de fronteiras: áreas de controle integrado, escolas bilíngues de fronteira e projetos de saneamento básico compartilhado entre cidades gêmeas.

Ou seja, são conceitos diferentes, embora estejam relacionados. A interação refere-se à comunicação entre diferentes partes ou elementos, enquanto a integração se dá pelo processo de combinar diferentes componentes de um sistema para trabalhar juntos. Assim, conforme o autor, a interação pode (ou não) produzir a integração.

A geógrafa brasileira Maristela Ferrari, em sua tese de doutorado, trabalhou com as interações transfronteiriças em partes da fronteira do Brasil com a Argentina. Nesta obra, a autora apontou que essas interações “envolvem todo um conjunto de interações materiais e imateriais, como as simbólicas, culturais e identitárias, pois são vinculadas umas às outras, uma sustenta a outra, justamente porque elas são estabelecidas por sujeitos (fronteiriços)” (FERRARI, 2011, p. 20).

Assim, pode-se perceber uma distinção entre as interações socioespaciais, que segundo Ferrari (2011), tendem a ser analisadas pela Geografia sob uma perspectiva

majoritariamente econômica, e as interações transfronteiriças, que são produtos únicos da zona de fronteira e abrangem aspectos que vão além da “dimensão mais material, conduzidas notadamente pelo aspecto dos fluxos econômico” (FERRARI, 2011, p. 20).

Se ressalta aqui o uso do termo ‘transfronteiriças’ em alguns casos, como também comentado anteriormente, quando indicam interações que atravessam e vão além das zonas de fronteira. Segundo Pombo (2008), o prefixo *trans* indica a travessia a um nível “qualitativamente superior” de interação p. 15), ou seja, o desenvolvimento dessas relações se aprofundou a um estágio mais complexo e peculiar.

Portanto, entende-se que as interações transfronteiriças são mais amplas e podem ocorrer entre comunidades que estão mais distantes da fronteira, tanto em termos geográficos, quanto em termos culturais. Por sua vez, envolvem relações mais indiretas e podem ser medidas por instituições intermediárias, como empresas, organizações não-governamentais e governos locais. Já as interações fronteiriças se referem às trocas, em grande medida, limitadas geograficamente, mas ao mesmo tempo envolvem relações mais intensas e diretas entre as comunidades fronteiriças.

Essas interações podem ser diversas, de cunho econômico, político, cultural, linguístico, educacional, dentre outras. Em regiões, como a de Ambas Aceguás na fronteira sul do Brasil e Uruguai, essas interações são visíveis diariamente. Crianças e adolescentes que atravessam a fronteira cotidianamente para ir à escola, famílias que fazem suas compras básicas em estabelecimentos do país vizinho, políticas estatais que integram a infraestrutura de ambas cidades, feriados comemorativos compartilhados etc. (VELOZO, 2021).

3 PESQUISA DE CAMPO EM SÃO BORJA E SANTO TOMÉ

Seguindo o plano metodológico desta pesquisa, foi realizado o trabalho de campo nas cidades de São Borja e Santo Tomé para execução da leitura de paisagem fronteira. Neste trabalho, decidiu-se dar prioridade ao domínio da forma, devido ao escopo do projeto e de uma pesquisa a nível de mestrado.

É importante ressaltar que a realização do trabalho de campo ocorreu em meio à pandemia de COVID-19, o que impôs desafios adicionais para a equipe envolvida. Alguns locais, por exemplo, tiveram restrições de acesso devido às medidas de segurança sanitária adotadas pelas autoridades locais. Além disso, a equipe seguiu todos os protocolos de segurança recomendados pelo Ministério da Saúde brasileiro e pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para minimizar o risco de transmissão do vírus.

Apesar das dificuldades impostas, o trabalho de campo foi realizado como planejado. A adoção de medidas de segurança e prevenção da COVID-19 não apenas protegeu a saúde dos pesquisadores, como demonstrou um compromisso com a responsabilidade social e a importância de seguir as recomendações das autoridades de saúde em momentos de crise.

O contexto pandêmico ressaltou a importância de repensar as formas de trabalho de campo de pesquisa em geral, buscando alternativas para minimizar os impactos da pandemia e garantir a segurança de todos os envolvidos. Cabe destacar também, que o fechamento das fronteiras foi utilizado como estratégia de contenção da COVID-19 pelo governo brasileiro, trazendo novas discussões sobre o processo de abertura e fechamento de fronteiras (CAYE, 2021)

Ambas cidades se encontram às margens do rio Uruguai e são conectadas pela Ponte Internacional de Integração, ou seja, são localidades que se situam em uma região estratégica e historicamente importante. Como dito anteriormente, essa região foi marcada pela presença das missões jesuítas, que buscava catequizar os povos indígenas da região à sociedade colonial.

Além disso, as cidades gêmeas de São Borja e Santo Tomé são caracterizadas pela sua proximidade com outros países da América do Sul, o que estimula a

ocorrência de interações fronteiriças entre os povos que habitam essa área. Essas interações são essenciais para a compreensão das relações sociais e econômicas que se desenvolvem na fronteira entre Brasil e Argentina.

Para compreender a paisagem atual entre São Borja e Santo Tomé, é necessário entender a história dessas cidades, visto que as marcas da herança missioneira são parte do contexto sociocultural desses municípios. Essa herança refere-se à influência cultural e arquitetônica deixada pelos jesuítas espanhóis que fundaram as missões jesuíticas durante o período colonial do século XVII.

Essas missões, como dito anteriormente no subcapítulo sobre a área de estudo, foram comunidades religiosas que tinham o objetivo de converter os índios Guarani ao cristianismo. São Borja e Santo Tomé foram duas das sete missões da região, que se destacaram pelas igrejas no estilo barroco com torres altas e praças, onde eram realizadas atividades comunitárias. Já no século XVIII, os jesuítas foram expulsos e as missões abandonadas, mas as construções seguiram, em grande medida, preservadas e alguns prédios podem ser vistos ainda hoje, como pontos turísticos que refletem na paisagem o histórico missioneiro da região.

3.1 CHEGANDO NO PRIMEIRO DOS SETE POVOS DAS MISSÕES: SÃO BORJA

O trabalho de campo teve início no dia 14 de fevereiro de 2022 com uma equipe composta pelo autor deste trabalho, pela Dr^a. Adriana Dorfman do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pelo Dr. Alex Dias de Jesus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). O Dr. Muriel Pinto, professor da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), recebeu a equipe no campus onde trabalha, em São Borja (figura 3).

Figura 3 - Professores presentes no trabalho de campo e a UNIPAMPA - Campus São Borja ao fundo.



Fonte: Autoria própria, 2022.

O primeiro dia de trabalho foi reservado para observações no lado brasileiro e logo de início já foram percebidas diversas marcas da religiosidade e da identidade missioneira na paisagem da cidade, por exemplo: murais, estátuas, cruzes, igrejas, museus, placas, etc.

Como exemplo dessas marcas, na figura 4, pode-se visualizar uma cruz missioneira localizada no cais de São Borja. Esse tipo de cruz é um símbolo cristão com grande importância cultural para a região das missões. Por ser um elemento central da iconografia das reduções Jesuíticas-Guarani, ela é vista como um símbolo de resistência e identidade missioneira.

Com as hastes horizontais são mais curtas que a vertical, a cruz missioneira é considerada um patrimônio cultural imaterial do Brasil (GONÇALVES; SANTOS, 2020). Além da cruz, há uma placa em seu pé contextualizando a presença como um monumento chamado “Orgulho de Ser Missioneiro”, inaugurado em 2012.

Observa-se também as condições de conservação desse monumento, a cruz por ser feita de um material mais resistente, percebe-se ter menos marcas do tempo e da ação de quem passa por ali. A placa, no entanto, está bastante riscada, gerando dificuldade em ler o que está escrito.

Figura 4 - Monumento “Orgulho de Ser Missioneiro”, localizada no Cais do Porto de São Borja.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

Saindo do campus da UNIPAMPA, a equipe se direcionou para as margens do rio Uruguai (figura 5), onde já foi possível avistar a Ponte Internacional e, no lado argentino, a cidade de Santo Tomé. Ao caminhar até o Cais do Porto de São Borja, se observam barreiras para o avanço em direção à água, com a presença de balizadores, cilindros grossos de concreto com, em média, um (01) metro de altura, demarcando formas presentes na paisagem (figura 6).

Nas margens do rio, estava visível a forte seca do verão de 2022. Não havia muita gente por ali, mas havia resquícios da festa para lemanjá, que havia ocorrido 12 dias antes. Neste dia, apesar das altas temperaturas, foi agradável caminhar pela margem do rio, avistar a ponte de longe e dar início ao trabalho de campo.

Figura 5 - Equipe do trabalho de campo às margens brasileiras do rio Uruguai, próximas a Ponte Internacional de Integração.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

No cais do porto, foram avistados algumas marcas da identidade missioneira da cidade (monumento da figura 4, acima) e marcas da interação com sua cidade gêmea. Ao caminhar entre os balizadores (figura 6), entende-se que esses objetos servem para barrar a passagem de carros e barcos que desejam entrar no rio sem autorização, visto

que a passagem de transeuntes é livre. Entende-se então que a travessia pelo rio entre países é alvo de controle pelos órgãos responsáveis pela fiscalização fronteiriça.

Figura 6 - Balizadores no Cais do Porto de São Borja.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

Após as observações no cais, foi realizado o deslocamento até o centro da cidade (5 quilômetros de distancia) onde foram visitadas a Biblioteca e Museu Aparício Silva Rillo (figura 7), onde há diversos registros da herança missioneira na região e da histórica nacional.

Dentro do Museu e Biblioteca há uma grande diversidade de obras celebrando a identidade missioneira de São Borja, com esculturas, bustos, peças, cruzes, etc. Na figura abaixo, por outro lado, demonstra-se uma identidade nacional também presente na cidade, que demonstra o orgulho por ser a “terra dos presidentes”. Por exemplo, nessa biblioteca, há uma seção dedicada aos ex-presidentes Getúlio Vargas e João Goulart, e ao Leonel Brizola, que após sua morte, foi enterrado em São Borja, devido a sua ligação com a cidade e o Partido Trabalhista Brasileiro.

Figura 7 - Seção dos presidentes nascidos em São Borja na Biblioteca Aparício Silva Rillo.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

Mesmo sem realizar a travessia do limite internacional no primeiro dia, já foram feitos alguns apontamentos sobre as interações fronteiriças da área de estudo. Pelo que foi observado, percebe-se que as trocas fronteiriças têm sido dificultadas por algumas das autoridades do Estado. Isso se percebe na paisagem da cidade de São Borja, que possui aspectos bastante nacionalizantes (placas, museus e monumentos em homenagem à Getúlio Vargas, por exemplo), reafirmando-a como espaço brasileiro, e também na fala dos interlocutores que foram entrevistados.

3.2 Cruzando a fronteira: Santo Tomé

No segundo dia, 15 de fevereiro de 2022, a equipe se dirigiu de São Borja a Santo Tomé de carro. Logo após o acesso à ponte, foi necessário passar na aduana e apresentar alguns documentos, como a carteira de vacinação, documento de identidade (ou passaporte) e o seguro Carta Verde, que é um documento instituído pelo bloco de países do MERCOSUL e é destinado aos condutores de automóveis que transitam entre as fronteiras nacionais dos integrantes do bloco.

Na aduana, havia duas casas de câmbio, sendo uma brasileira e uma argentina, assim como um posto da *Mercovía*, a empresa responsável pela administração da Ponte Internacional de Integração e um posto do Centro Unificado de Fronteira (CUF) que é utilizado pelos órgãos governamentais e despachantes encarregados do movimento fronteiriço.

Após esperar uma hora e meia nos postos de controle fronteiriço, foi liberada a entrada no lado argentino, pelo custo de R\$ 25,00 por carro com placa registrada em São Borja e o seguro Carta Verde (que, na época, tinha um custo de aproximadamente R\$ 70,00). No que se refere ao controle migratório e alfandegário, identificaram-se postos da *DNM – Dirección Nacional de Migraciones* e da *AFIP – Administración Federal de Ingresos Públicos*, que equivale à Receita Federal Brasileira.

Ao entrar na cidade argentina, observa-se uma paisagem similar, em grande medida, com a cidade brasileira vizinha. As margens do rio, as áreas residenciais, as praças em frente a uma igreja principal, placas e monumentos representando a história local.

Em Santo Tomé, no primeiro momento foi realizada uma reunião com professores da *Universidad Nacional del Nordeste (UNNE)*, uma extensão da *Universidad de Corrientes*, onde foi falado sobre a integração fronteiriça em São Borja / Santo Tomé, como por exemplo, a negociação sobre a concessão da ponte e o *freepass* para os fronteiriços. *Freepass* é o termo utilizado pelos interlocutores, nesse caso, os professores da UNNE e da UNIPAMPA, como um documento que permitisse trânsito livre e gratuito aos fronteiriços do Brasil para a Argentina e vice-versa. No

momento do trabalho de campo, para atravessar a fronteira era necessário pagar no mínimo 25 reais.

Ao analisar essa integração, buscou-se identificar as condições que impossibilitavam o desenvolvimento das interações entre Brasil e Argentina, sendo uma das razões principais na época, as divergências entre os presidentes do Brasil e Argentina, respectivamente Jair Bolsonaro e Alberto Fernández. Entretanto, esses problemas começaram antes deste período.

Outros temas discutidos foram: a grande evasão dos alunos brasileiros na *UNNE* por causa da pandemia (dificuldade em atravessar a fronteira) e a negligência com a fronteira e a comunidade fronteiriça por parte dos agentes do Estado.

Segundo os gestores da universidade, a diminuição dos estudantes brasileiros no lado argentino têm se dado também pela burocracia documental que tem dificultado o ingresso no ensino superior argentino, principalmente durante a pandemia. Os professores de ambos lados da fronteira seguem em busca da valorização do intercâmbio e da interculturalidade fronteiriça e relatam que, em sua visão, o MERCOSUL não tem servido à comunidade fronteiriça.

Percebe-se, assim, que os trâmites burocráticos excessivos têm bloqueado a interação entre as cidades gêmeas, contradizendo sua classificação. O potencial na área entre São Borja e Santo Tomé para interação e, conseqüentemente, integração é grande e há atores locais operacionalmente prontos para desenvolver esse processo, mas falta interesse da gestão pública de ambos países, segundo os professores da *UNNE* e da UNIPAMPA. Isso é uma marca da condição periférica do local, que por não se situar no centro dos interesses nacionais, acaba tendo suas necessidades desconsideradas.

De acordo com o relatos ouvidos em São Borja e Santo Tomé, os gestores públicos regionais e nacionais desconhecem a realidade fronteiriça, inviabilizando o desenvolvimento das interações. Foi destacado também que há falta de mobilização social e política em busca dessas mudanças e de uma maior atenção a esse espaço supostamente transfronteiriço.

Ao final das visitas e *charlas* que tivemos ao longo desses dois dias, restou a pergunta: se as condições fronteiriças estão sendo negligenciadas pelo Estado, isso se

dá apenas por desconhecimento sobre a realidade fronteiriça pelos gestores públicos ou faz parte de algum posicionamento político?

Entende-se que esse fenômeno pode variar, dependendo da escala de ação, visto que a realidade fronteiriça tradicionalmente está na periferia, enquanto as políticas públicas são estabelecidas nos centros. Mas dependendo da região, pode ser também parte de algum projeto político contra a integração com o país vizinho, devido a vieses políticos.

3.3 Conhecendo a fronteira oeste gaúcha: Itaqui

Além dessas duas cidades, durante o trabalho de campo foi visitada mais uma cidade, que também é classificada como gêmea. Infelizmente, lá não foi possível atravessar a fronteira, devido aos impedimentos pandêmicos.

Aproximadamente 90 quilômetros ao sul de São Borja, fica Itaqui, onde foram realizadas mais reuniões e visitas. Sua gêmea é Alvear, também localizada na província de Corrientes na Argentina. Na cidade, foi possível conversar com o prefeito Leonardo Dicson Sanchez Betin do Partido Liberal (PL) e, assim, adquirir mais informações sobre a situação das cidades gêmeas entre Brasil e Argentina, a partir da visão da gestão pública.

O prefeito passou uma visão geral sobre as interações entre as cidades na época. Foram percebidos aspectos similares ao da situação de São Borja / Santo Tomé e, inclusive, notaram-se alguns obstáculos maiores nesse caso. O trânsito entre Itaqui e Alvear estava impossibilitado e a passagem de um país para o outro só era possível por outras cidades, como Uruguiana (BRA) e Paso de Los Libres (ARG), também pelo fato de que a fronteira é fluvial e sem ponte.

Betin relatou que a pandemia freou as tentativas de integração e o lado argentino se distanciou ainda mais. O rio que era um elo entre as cidades, se tornou uma barreira e o comércio entre as cidades e países fica prejudicado pelos impedimentos à integração. Foram destacados projetos que marcaram a aproximação no passado e a interculturalidade presente na região, como escolas de fronteira que produziram

dicionários bilíngues e a ArBra, que é um projeto de integração entre Argentina e Brasil unindo arte, gastronomia e empreendedorismo.

Além da visita à prefeitura, também foram visitados o Teatro Prezewodowski, a Casilha do Porto, o Mercado Público Municipal, a Praça Marechal Deodoro da Fonseca, o Porto de Itaqui, a Igreja Matriz São Patrício, a Flotilha do Alto Uruguai, entre outros pontos que deram um panorama geral sobre a paisagem de Itaqui e sua realidade fronteiriça com Alvear. Foi possível conversar com a equipe da Secretaria de Cultura da cidade e com um senhor, seu Adão, que mora à beira do rio Uruguai e vivenciou as diferentes épocas e alterações na paisagem entre Itaqui e Alvear, compartilhando experiências para a compreensão da evolução da cidade.

Pela área de estudo deste trabalho ser São Borja e Santo Tomé, não serão apresentados todos os dados e registros fotográficos que foram obtidos em Itaqui, mas como exemplo, destaca-se a figura 8, onde observa-se um monumento na Praça Marechal Deodoro da Fonseca. Esse obelisco de alvenaria representa, em alguma medida, as interações entre as cidades gêmeas Itaqui e Alvear, visto que foi um presente do povo de Alvear ao centenário da cidade de Itaqui, em 1958.

Figura 8 - Monumento em comemoração ao centenário da cidade de Itaqui concedido pela povo de Alvear.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

4 A LEITURA DA PAISAGEM DE FRONTEIRA EM SÃO BORJA E SANTO TOMÉ

Como última etapa desta pesquisa, realiza-se a leitura da paisagem da área de estudo, com o objetivo de avaliar as possibilidades e limitações da metodologia proposta para análise de paisagens fronteiriças, através dos dados obtidos durante o trabalho de campo.

Na seção 2.3. deste texto foi colocado que devido ao escopo do projeto, foi decidido dar-se prioridade ao domínio da **forma**, assim, é importante revisar ao que ela se refere. Segundo Santos (1985), a paisagem resulta do acúmulo de tempos e de técnicas na estrutura espaço-temporal do espaço geográfico. A forma, segundo o geógrafo, “é o aspecto visível de uma coisa. [...] As formas são governadas pelo presente, e conquanto se costume ignorar o seu passado, este continua a ser parte integrante das formas.” (SANTOS, 1985, p. 69).

Lara-Valencia em seu texto sobre a análise socioespacial da integração transfronteiriça define que a forma compreende “elementos do entorno construído que facilitam ou restringem os fluxos e a conectividade através da fronteira” (LARA-VALENCIA; FURNISH, 2021, p. 250). A justaposição dessas definições resulta no que analisamos como forma neste trabalho e é exposto no quadro 1: Forma – Aspecto visível de uma paisagem, com elementos do ambiente natural e construído facilmente reconhecíveis em campo, que expressam as oportunidades e os fluxos de interação através das fronteiras.

Portanto, realiza-se a tentativa de compreender melhor os reflexos das interações (trans)fronteiriças na região através da leitura da paisagem. Primeiramente, se percebeu durante a exploração virtual da área de estudo algumas limitações relacionadas à Matriz de Observação Sistemática, apresentada anteriormente no trabalho.

Ao sobrepor ela a uma imagem de satélite das cidades de São Borja e Santo Tomé, não há um encaixe regular como em outras regiões fronteiriças que apresentam limites lineares e secos (figura 9). Portanto, acredita-se que para utilizações futuras, a matriz necessite de adaptações que a tornem mais maleável para diferentes tipologias fronteiriças, como onde há acidentes naturais, corpos d’água, muros, dobramentos modernos, entre outros. Destaca-se, também, que a matriz é um importante recurso

didático para atividades em grandes grupos (DORFMAN; LARA-VALENCIA; VELOZO, 2020) (LARA-VALENCIA; FURNISH, 2021).

Figura 9 - Matriz de observação sistemática sobreposta à imagem de satélite de São Borja e Santo Tomé.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da imagem do aplicativo Maps do MacOS, 2022.

Conforme o quadro 1 deste trabalho, além da definição do domínio da forma, temos os seguintes exemplos: ocupação das terras, relevo, presença de água, cobertura vegetal, morfologia urbana, condições de arruamento, símbolos nacionais, placas, postos de controle, pontes, túneis, canais, muros, etc. Realiza-se, então, a leitura da paisagem de fronteira entre São Borja e Santo Tomé a partir desses elementos.

4.1 O RIO URUGUAI

Um dos principais rios da Bacia do Uruguai e da Bacia Platina ou do Rio da Prata, o rio Uruguai atravessa mais de 1600 quilômetros de extensão, percorrendo os territórios do Brasil, Argentina e Uruguai.

Além de sua importância natural, como fonte de recursos naturais e habitat para várias espécies de peixes e animais selvagens, este rio cumpre grandes funções econômicas, sendo utilizado para a pesca, a navegação e a produção de energia elétrica. Ele abastece inúmeras cidades e comunidades ribeirinhas ao longo de sua extensão, além de ser responsável por irrigar grandes áreas de cultivo de arroz, soja e outros grãos. Infelizmente, o rio Uruguai também enfrenta desafios ambientais, como a poluição e a degradação de suas margens.

Os registros fotográficos abaixo (figura 10) mostram o rio Uruguai pela margem brasileira na cidade de São Borja. Como se pode ver, o rio é facilmente reconhecível em campo, devido a sua extensão, e também expressa oportunidades e possíveis fluxos de interação através da fronteira, conforme a definição do domínio da forma, apresentado neste trabalho. As imagens também revelam a forte seca na região, no verão de 2022, que acarretou prejuízos à produção agrícola e ao comércio regional.

Na figura 11, visualiza-se as margens do rio Uruguai visto da ponte que conecta ambos países, Argentina (à direita) e Brasil (à esquerda), onde não se percebe grande diferenciação no aspecto visual. Nota-se a presença de uma vegetação rasteira de pequeno porte, com nível da água relativamente baixo e águas calmas.

Figura 10 - Margens brasileiras do rio Uruguai em São Borja.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

Figura 11 - O rio Uruguai visto da Ponte de Integração.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

Similar às margens brasileiras do rio Uruguai, na figura 12 se observa, da mesma forma que na figura 10, vegetação rasteira, algumas rochas expostas, com o rio facilmente reconhecível. Na imagem superior, observa-se um homem pescando com sua parceira – mostrando outras oportunidades que o rio oferece, seja para o comércio, lazer e/ou alimentação própria. A estiagem do rio também é visível deste lado.

Figura 12 - Margens argentinas do rio Uruguai em Santo Tomé.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

Sobre a importância socioeconômica do rio para a região, Pinto e Colvero (2015) colocam que:

Nos últimos séculos, esse rio foi de grande importância socioeconômica, pois serviu como acesso para o traslado de índios guaranis da redução jesuítica de Santo Tomé para fundarem a redução de São Francisco de Borja (século XVI). Assim como, foi via de escoamento da produção de charque e de erva-mate que eram produzidas nesse região (PINTO; COLVERO, 2015, p. 305)

Isso evidencia a relevância das interações na região, uma vez que o rio serviu (antes da ponte) como ponto de ligação entre diferentes grupos sociais que habitam suas margens e que utilizavam suas águas como meio de subsistência e comércio desde antes da existência dos Estados nacionais. Essas atividades influenciaram a paisagem da região, visto que também tiveram uma função estratégica para a construção da Ponte de Integração.

4.2 A PONTE INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO

Vista como resultado do processo de institucionalização da fronteira entre Brasil e Argentina, a Ponte Internacional de Integração liga as cidades de São Borja e Santo Tomé. Inaugurada em 1997 com aproximadamente 1,4 quilômetros de extensão. Já se destaca em seu nome, a escolha de palavras: ponte (elo), internacional (entre nações), integração (estimulando o desenvolvimento das interações), demonstrando uma intenção de aproximação dos atores que fizeram parte deste projeto: os governos do Brasil e Argentina em conjunto com a iniciativa privada.

A construção da ponte foi um marco na integração econômica e cultural entre os dois países, facilitando o comércio e o turismo entre eles. Ela é utilizada diariamente por moradores das cidades vizinhas e caminhoneiros que transportam mercadorias entre Brasil e Argentina, mostrando a função comercial de grande impacto da ponte.

No entanto, em sua tese de doutorado sobre as dinâmicas sociais entre a ponte, o rio e a fronteira de São Borja, Retamoso destaca algo importante sobre construções como a ponte, visto que resultaram da formalização de projetos acordados por “grupos sociais dominantes e detentores do poder”, e segundo o autor, estes atores “impõem

normas que regulam relações naturais, como a troca e a luta pela sobrevivência” (RETAMOSO, 2021, p. 98).

Dessa forma, entende-se que a população fronteiriça da região não se beneficia em sua totalidade com a construção e presença da ponte. Ela integra, mas também salienta algumas desigualdades. Retamoso também traz a ideia de esterilização das margens, em relação não somente ao maltrato ambiental que tem ocorrido ao longo do rio, mas também “pela exclusão de possibilidades aos pequenos, pessoas jogadas a sua própria sorte, e que contam mais com suas orações do que com as nações que a fronteira teima em dividir” (RETAMOSO, 2021, p. 116).

Em relação ao visível, a paisagem é similar em ambas margens do rio, sendo a ponte um elemento construído que materializa a conexão entre as cidades (figura 13). Cabe notar que a travessia por balsas é limitada a atores comerciais autorizados, isso torna o rio (e a ponte) elementos de controle e fiscalização sobre o movimento transfronteiriço, o que por um lado distancia as comunidades e por outro, forma um espaço de ilegalidades e de trânsito para o contrabando.

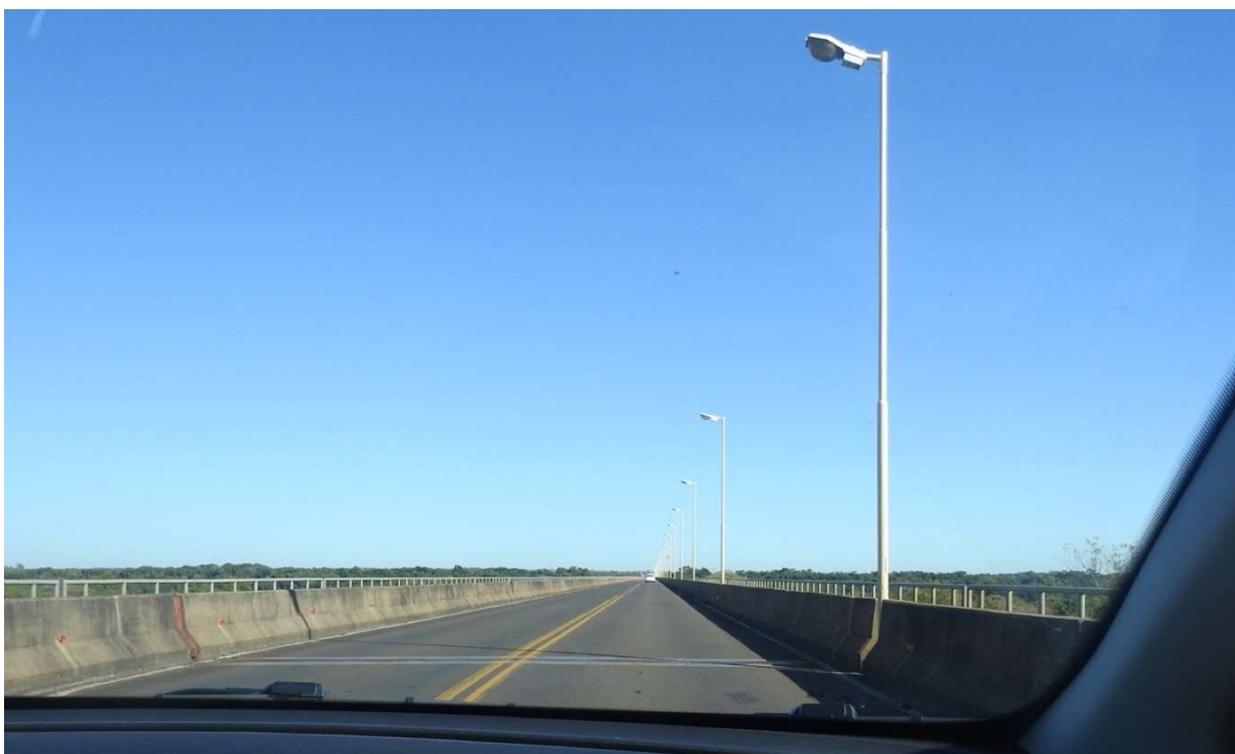
Figura 13 - Ponte Internacional de Integração vista do rio.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

Ao atravessar a ponte, se observa uma estrada com postes de luz e poucas placas, a via de tráfego possui uma superfície lisa e pavimentada com asfalto. Os postes de luz, que ficam ao longo da ponte, fornecem iluminação para motoristas viajando durante a noite, tornando a via mais segura e permitem ampliar o controle, deixando tudo mais visível (figura 14).

Figura 14 - Ponte vista de dentro do carro ao cruzar a fronteira.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

4.3 POSTOS DE CONTROLE

Após atravessar a ponte, depara-se com alguns símbolos nacionais, placas e postos de controle (figura 15). Esses elementos transmitem a sensação de um espaço de controle e triagem, como se visualiza nos registros fotográficos abaixo, com a presença de órgãos de administração e segurança pública de ambos países. Desde cedo da manhã, havia uma grande fila de automóveis, em busca de gasolina por um

preço mais barato, e caminhões de carga levando produtos para Argentina, mostrando algumas das funções desta fronteira.

Figura 15 - Aduana entre Brasil e Argentina.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

Os postos de controle na fronteira têm como função monitorar a entrada e saída de pessoas, bens e mercadorias em um determinado país ou região, com o objetivo de garantir a segurança nacional, proteger a economia local, controlar a imigração e prevenir a entrada de produtos ilegais. Geralmente, estes postos são administrados por agências governamentais responsáveis pela segurança nacional, imigração e alfândega.

No caso desta área de estudo, quem fornece a estrutura para os órgãos governamentais e agências fronteiriças dos respectivos países é a *Mercovía S.A.*, que é um consórcio integrado por empresas privadas. Na aduana, os agentes de controle fronteiriço podem inspecionar a carga de caminhões (figura 16) e veículos comerciais

que cruzam a fronteira, para garantir conformidade com a legislação dos países vizinhos, assim como verificar os documentos de identificação dos viajantes, examinar a bagagem e mercadorias, e questionar sobre a finalidade do trânsito entre os países.

Figura 16 - Caminhões aguardando inspeção pelos agentes fronteiriços.



Fonte: Edgar Velozo, 2020.

Durante o trabalho de campo, o tempo de espera nessa aduana foi de 1 hora e 30 minutos, assim foi possível tirar algumas fotos, fazer os trâmites burocráticos de alfândega e ouvir um pouco das conversas dos transeuntes. A demora para passar pelo posto de controle e chegar a Santo Tomé, assim como os relatos ouvidos ao decorrer dessa pesquisa, revelam algumas dificuldades referentes às interações entre as cidade, por exemplo, a evasão de alunos universitários que vem aumentando devido às taxas fronteiriças pela falta do *freepass*.

Rapidamente se percebeu que os brasileiros falavam português e os argentinos falavam espanhol, ambos com sotaque da localidade, mas sem uma presença marcante do *portunhol*, o que gerou uma dúvida: será que os fronteiriços de São Borja

– Santo Tomé não têm a presença do portunhol na sua cultura ou eles preferem falar suas respectivas línguas diante das autoridades nacionais? Em sua dissertação sobre políticas públicas educacionais e a língua espanhola nas cidades de São Borja e Santo Tomé, Jornada (2022) constata que o idioma ainda é algo que precisa ser valorizado na região, desde o ensino básico, tendo em vista o desenvolvimento de habilidades ligadas às condições fronteiriças.

4.4 SÍMBOLOS NACIONAIS (E REGIONAIS)

Outro elemento importante para a leitura da paisagem são os símbolos nacionais e regionais presentes em ambas cidades e na fronteira. Esses símbolos são unidades que representam e identificam uma nação, geralmente incluindo a bandeira, o brasão e outros elementos culturais ou históricos relevantes para a identidade nacional. Em relação à paisagem de fronteira, busca-se símbolos que representem não só a identidade nacional, mas uma possível identidade fronteiriça, assim como as interações, históricas ou atuais, entre as cidades e países.

Em São Borja e Santo Tomé, foram vistos diversos exemplos desses símbolos, marcando não apenas a identidade nacional de cada cidade / país, mas também a identidade regional missioneira que se sobrepõe à identidade socioterritorial fronteiriça desta área de estudo. Sobre isso, Pinto e Colvero constataam que:

No que diz respeito às representações e identidades socioculturais fronteiriças, torna-se prudente destacar que as narrativas e símbolos culturais regionais expuseram paisagens e elementos culturais identificados com manifestações culturais relacionados ao pampa, cultura missioneira e ribeirinha. Também foram identificados elementos culturais e narrativas sociais que exaltam líderes políticos e militares nacionais (PINTO; COLVERO, 2015, p. 326)

Na figura 17, observa-se outra cruz missioneira, dessa vez localizada em Santo Tomé, em frente à *Iglesia Catedral Inmaculada Concepción*. Ou seja, símbolos regionais representando a identidade missioneira que compõe a condição e a paisagem fronteiriça da população de São Borja e Santo Tomé. Ao lado da cruz, há também um

mural com figuras referentes ao indígenas Guarani, demonstrando também um aspecto de conservação dos diálogos e representações históricas.

Figura 17 – Cruz missioneira em frente à igreja principal de Santo Tomé.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

Também no lado argentino, na Plaza *San Martín* em frente à igreja se observa um monumento branco no formato de losango, com vértices onduladas, preso em um suporte de concreto (figura 18). No seu centro, há uma placa em homenagem ao povo São Borjense. Esse símbolo mostra que as interações entre ambas cidades são históricas e se materializam, também, através de monumentos comemorativos.

Figura 18 - Placa no monumento em homenagem à cidade de Santo Tomé pelo povo de São Borja.

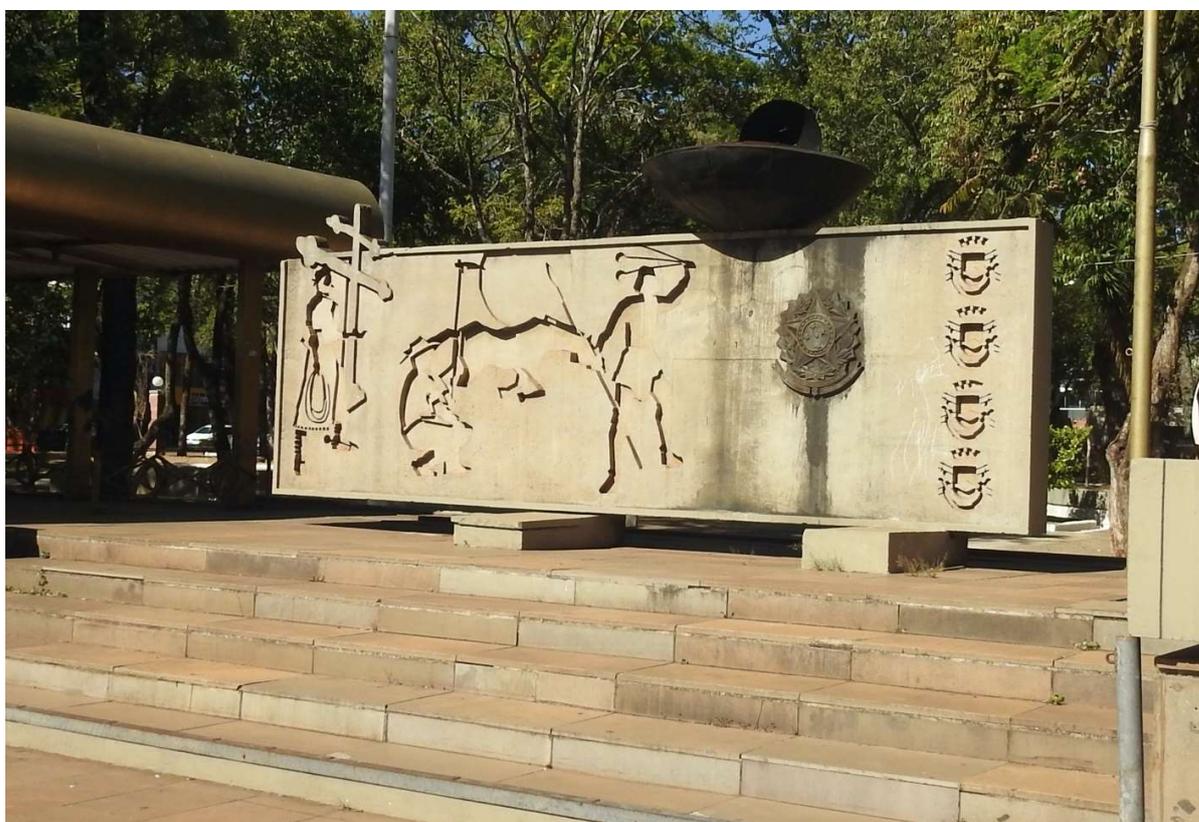


Fonte: Edgar Velozo, 2022.

Por sua vez, no lado brasileiro, os símbolos materializam principalmente a identidade missioneira e a nacional do povo são-borjense. No monumento da figura 19, localizado na Praça XV de Novembro, é possível visualizar o brasão nacional e o do município de São Borja, o gaúcho com as boleadeiras e o laço, a cruz missioneira, etc. Vários elementos culturais da história da cidade, do estado e do país – porém, nada em relação á identidade fronteiriça.

Outro monumento em destaque (figura 20), também na mesma praça principal do município brasileiro e projetado por Oscar Niemeyer, é em homenagem ao ex-presidente Getúlio Vargas, com uma placa reproduzindo a carta-testamento que Vargas deixou antes do seu suicídio, embaixo da carta uma pintura simulando sangue escorre ao longo do concreto curvado. Ambos monumentos imponentes e ressaltam a condição nacionalizante da cidade.

Figura 19 – Monumento na praça XV de Novembro em São Borja.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

Figura 20 – Mausoléu de Getúlio Vargas.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

4.5 PLACAS

As placas têm diferentes finalidades dependendo do seu tipo e contexto em que são inseridas. Geralmente, as placas são utilizadas para transmitir informações importantes de forma visual e clara, ajudando as pessoas a navegar e se orientar em ambientes desconhecidos.

Nesta pesquisa, se dá prioridade às placas que expressem as interações fronteiriças, assim como àquelas que representem a identidade sociocultural missioneira da localidade. Por exemplo, respectivamente, na aduana há uma placa em homenagem ao Poder Público de São Borja – Santo Tomé, promovida pela Comissão Pró-Ponte da Integração, figura 21, assim como na figura 18 (subcapítulo anterior) se vê uma placa do povo de São Borja em homenagem à Santo Tomé. Essas marcas na paisagem resultam da materialização das interações entre as cidades / países e da celebração da história local.

Figura 21 - Placa em comemoração ao 10º aniversário da inauguração da Ponte de Integração.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

Na figura acima, é possível visualizar a data do aniversário de dez anos da inauguração da ponte, da equipe que compôs a Comissão Pró-Ponte e dos gestores públicos (prefeito e intendente) da época, valorizando o esforço desses atores na construção e manutenção da ponte.

Na Plaza San Martín, praça central da cidade de Santo Tomé e parte do Circuito Jesuítico, rota turística entre as cidades argentinas de Yapeyú, La Cruz, San Carlos, Santo Tomé, Alvear e Virasoro. Também há uma placa destacando a paisagem e a

organização da cidade à época das missões jesuíticas (figura 22). Nela, há um croqui da redução jesuítica de São Tomé Apóstolo (*Santo Tomás Apóstol*), até os fins do século XVIII, que continha uma população de aproximadamente 1800 habitantes e uma área de 20 hectares. Nesta redução, havia a praça, uma igreja, um cemitério, a residência dos padres, escritórios, armazéns, refeitórios, depósitos, hortas, casa para viúvas e órfãos e casa dos nativos (guaranis).

Na mesma praça, havia uma outra placa – maior do que a supracitada – informando o investimento feito para a instalação das placas informativas do Circuito Jesuítico dentro da cidade de Santo Tomé (figura 23). O projeto foi realizado pelo *Ministerio de Obras y Servicios Publicos*, pelo *Ministerio de Turismo y Deportes da Argentina* e pelo governo da província de Corrientes. O custo foi de 1.965.873,31 pesos argentinos, aproximadamente 51.415,45 reais, conforme o câmbio de fevereiro de 2023.

Ambas sinalizações auxiliaram a compreensão de como a cidade valoriza sua paisagem e celebra sua história / memória, sem necessariamente se dedicar à identidade nacional argentina, mas à identidade regional missioneira. Assim como, percebe-se a paisagem (não necessariamente de fronteira) sendo modelada, e ao mesmo tempo, reveladora dos processos sociais regionais.

Figura 22 - Placa sinalizando a Plaza San Martín.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

Figura 23 - Placa informando os custos com as placas informativas do Circuito Jesuítico em Santo Tomé.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

Por último, a figura 24 apresenta uma placa localizada na aduana entre Brasil e Argentina, evidenciando a materialização do controle e da fiscalização através das formas na paisagem fronteira. Ela está presente antes da entrada na Argentina, mas foi colocada pela agência argentina de fiscalização, o idioma da placa é espanhol e as cores são as mesmas da bandeira argentina.

Figura 24 - Placa na aduana entre Brasil e Argentina.



Fonte: Edgar Velozo, 2022.

4.6 PARA ALÉM DO DOMÍNIO DAS FORMAS: FUNÇÕES, ESTRUTURAS, PROCESSOS E DINÂMICAS

Diversos aspectos identificados através da observação remetem à questão da identidade nacional, refletindo o domínio do processo/dinâmica. Assim como diversos relatos e placas destacam processos e práticas que se encaixam nos domínios da

função e da estrutura. Isso ressalta que mesmo tendo suas classificações, por motivos metodológicos e organizacionais, os domínios da paisagem transbordam e interagem.

Ambas cidades são recheadas de monumentos celebrando personagens históricos de dimensão nacional: em São Borja, os ex-presidentes brasileiros Getúlio Vargas e João Goulart. Em Santo Tomé, os mártires da Guerra das Malvinas: Ruben Alberto Loreiro e Daniel Andres Rodriguez.

Além dos personagens da política, a história missioneira é celebrada simultaneamente pelas duas cidades, com monumentos, cruzes, murais, igrejas, paróquias e catedrais. Esse passado missioneiro compartilhado por ambas cidades representa um passado que não se caracteriza como transfronteiriço, afinal não existia fronteira na época das missões. No entanto, mostra uma territorialização anterior ao Estado-nação, e sua permanência poderia ser a chave para a ampliação da identidade transfronteiriça local.

Após as observações diretas realizadas durante a pesquisa de campo, nota-se que ouvir os/as fronteiriços/as é essencial para uma compreensão, mesmo que parcial, da condição fronteiriça de São Borja e Santo Tomé, mesmo no que tange à forma.

A paisagem registra e traduz inúmeras informações fundamentais para a análise da área de estudo. No entanto, ela não se modifica na mesma velocidade que as vivências dos fronteiriços. Portanto, a análise de imagens e observação direta da paisagem – fronteiriça ou não – sempre pode ser complementada com os relatos de quem viveu e construiu a paisagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a explorar as paisagens de fronteira e as interações fronteiriças como conceitos reveladores de processos e práticas associadas às condições de uma zona de fronteira. Considera-se, desde o início da pesquisa, as zonas fronteiriças como espaços de diálogo ideais para interações e trocas entre comunidades, sejam elas econômicas, culturais, identitárias, de infraestrutura ou de mobilização social.

Como ponto de partida, debruçou-se sobre a literatura científica sobre as paisagens de fronteira e as lacunas metodológicas apontadas por outros autores. Além disso, foi escolhido o par de cidades São Borja / Santo Tomé como área de estudo para empreendimento das atividades de campo que compõem os objetivos do trabalho.

Em relação à parte teórico-conceitual, entende-se que as paisagens de fronteira não são um tema novo na Geografia, mas ainda permanecem pouco estudadas quando comparadas a outros conceitos do *mainstream* dos Estudos Fronteiriços e da Geografia Política contemporânea. Espera-se que ao longo do tempo, as paisagens de fronteira sejam colocadas em destaque como aliada à valorização das zonas fronteiriças e demonstração das suas potencialidades, ao lado de outras categorias relevantes.

Do mesmo modo, este trabalho busca evidenciar as possibilidades que surgem a partir da leitura da paisagem de fronteira. Para isso, foi necessário colocar em prática esse recurso metodológico. Com o intuito de entender os reflexos das interações fronteiriças, foi estudado o contexto histórico da área de estudo, assim como foi realizado um trabalho de campo composto por observações diretas que resultaram nas seguintes considerações:

Ressalta-se a importância de diferenciar corretamente as definições e usos de termos como fronteiro, transfronteiro, interação e integração. São conceitos que se relacionam e facilmente se confundem, mas é fundamental prestar atenção nas suas diferenciações para comunicar com clareza as análises feitas ao longo da pesquisa.

Sobre a técnica de leitura de paisagem utilizada no trabalho, percebe-se a necessidade de adaptação à matriz de observação sistemática, para que sirva a diferentes tipologias fronteiriças e escalas. Os resultados obtidos com essa técnica

foram frutíferos para a compreensão da condição fronteiriça da área de estudo, assim como demonstram o potencial da pesquisa de campo como método, destacando o diferencial da aquisição de dados *in locu*, com a observação direta e diálogo com os sujeitos que interagem e fazem a fronteira. Ao fim, é necessário realizar a sistematização dos dados obtidos para analisá-los, com o intuito de não se perder o rigor metodológico e de não se construir um texto maçante e difícil de ler.

Ao estudar as cidades de São Borja e Santo Tomé, percebeu-se algo inesperado antes de conhecer a realidade da área de estudo. Por serem classificadas como cidades gêmeas e pelo autor ter experiência prévia de pesquisa em zonas fronteiriças com nível maior de interação, esperava-se encontrar um espaço transfronteiriço altamente integrado. Contudo, ao conversar com os fronteiriços e realizar a análise da paisagem, notou-se que essa não é a realidade atual. Fica evidente que há desejo que a integração entre as cidades volte a desenvolver, principalmente por parte da comunidade, mas essas interações têm sido dificultadas pela gestão pública de ambos países. Enfatiza-se também, que durante um período pandêmico, outras dificuldades surgem, pois as estratégias e diretrizes sanitárias de cada país diferem.

Questiona-se, também, a classificação das cidades gêmeas, visto que devido às condições atuais, São Borja e Santo Tomé parecem ser vizinhas, mas não gêmeas. Não se pode, claro, ignorar o longo histórico de interação das cidades e as marcas disso que são vistas na paisagem, como a ponte e os monumentos. Portanto, acredita-se que com a retomada das políticas públicas visando às interações transfronteiriças e valorizando o potencial da área, ambas cidades (e países) se beneficiarão. Os estudantes, os trabalhadores e as instituições da fronteira têm muito a agregar com a (re)aproximação de ambas cidades.

A condição política das cidades reconhecidas como gêmeas é um instrumento que pode favorecer o desenvolvimento e valorização das zonas fronteiriças. Então, considera-se que cabe insistir e manter essa classificação, à medida que as interações continuem e a integração se aprofunde.

Por fim, verifica-se que as interações fronteiriças estão presentes na paisagem, fazendo com que sua análise seja reveladora dos processos e práticas presentes na área de fronteira. A leitura da paisagem de São Borja e Santo Tomé foi fundamental

para a compreensão da condição fronteira da região, sendo importante considerar não apenas os marcos históricos e símbolos visíveis, mas também os relatos e vivências dos fronteiriços. Além disso, ressalta-se a importância do método, para não fazer com que a paisagem só revele o que o observador já esperava, não seja uma ilustração das expectativas e conhecimentos prévios do pesquisador. Mas sim revele realmente as condições reais e matérias da fronteira.

As paisagens (trans)fronteiriças são um reflexo dos processos e práticas que ocorreram ao longo do tempo, e as interações (trans)fronteiriças transformam os elementos que simbolizam visualmente a realidade de cada zona fronteira.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, Alejandro; SOUTO, Patricia. **Territorio, lugar, paisaje: prácticas y conceptos básicos en geografía**. 1. ed. Buenos Aires: Ed. de la Facultad de Filosofía y Letras, 2011. (Libros de Cátedra).

BRAMBILLA, Chiara. Exploring the Critical Potential of the Borderscapes Concept. **Geopolitics**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 14–34, 2015. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14650045.2014.884561>.

BRASIL. **PORTARIA Nº 124, DE 21 DE MARÇO DE 2014**. Estabelece o conceito de “cidades-gêmeas” nacionais, os critérios adotados para essa definição e lista todas as cidades brasileiras por estado que se enquadram nesta condição. 2014.

BUFON, Milan. GEOGRAPHY OF BORDER LANDSCAPES IN THE ENLARGED EU. [s. l.], p. 14, 2006.

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e Política**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CAYE, Luísa Amato. **ATORES TERRITORIAIS E DINÂMICAS (TRANS)FRONTEIRIÇAS CONTEMPORÂNEAS**. 2021. 194 f. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. A PAISAGEM GEOGRÁFRICA - UMA BIBLIOGRAFIA. **ESPAÇO E CULTURA**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 50–54, 1997.

COSGROVE, Denis. Prospect, Perspective and the Evolution of the Landscape Idea. **Transactions of the Institute of British Geographers**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 45, 1985. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/622249?origin=crossref>. Acesso em: 2 ago. 2021.

DELL'AGNESE, Elena. SARAJEVO COME PAESAGGIO SIMBOLICO. [s. l.], p. 15, 2003.

DELL'AGNESE, Elena; SZARY, Anne-Laure Amilhat. Borderscapes: From Border Landscapes to Border Aesthetics. **Geopolitics**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 1–10, 2015.

DORFMAN, Adriana. A CONDIÇÃO FRONTEIRIÇA DIANTE DA SECURITIZAÇÃO DAS FRONTEIRAS DO BRASIL¹. *Em*: FRONTEIRAS EM PERSPECTIVA COMPARADA E TEMAS DE DEFESA DA AMAZÔNIA. Belém: EDUFPA, 2013.

DORFMAN, Adriana; LARA-VALENCIA, Francisco; VELOZO, Edgar Garcia. PAISAGEM TRANSFRONTEIRIÇA: ENSINANDO E PESQUISANDO EM AMBAS ACEGUÁS E AMBOS NOGALES. **Revista da ANPEGE**, Paraíba, v. 16, n. 30, p. 263–382, 2020.

DORFMAN, Adriana; LUNA BORBA COLEN FRANÇA, Arthur. Agenda descolonial para os estudos fronteiriços no Brasil. **L’Espace Politique**, [s. l.], n. 31, 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/espacepolitique/4200>. Acesso em: 30 maio 2022.

DORFMAN, Adriana; MONTEIRO, Lício Caetano do Rego. Dialogues on Brazilian Political Geography and Its Perspectives in the Twenty-First Century. *Em*: LOIS GONZÁLEZ, Rubén C.; MITIDIERO JUNIOR, Marco Antonio (org.). **Brazilian Geography**. Singapore: Springer Nature Singapore, 2022. (Advances in Geographical and Environmental Sciences). p. 131–144. *E-book*. Disponível em: https://link.springer.com/10.1007/978-981-19-3704-0_9. Acesso em: 16 mar. 2023.

EICHENBAUM, Jack; GALE, Stephen. Form, Function, and Process: A Methodological Inquiry. **Economic Geography**, [s. l.], v. 47, n. 4, p. 525, 1971. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/142642?origin=crossref>. Acesso em: 12 mar. 2023.

FERRARI, Maristela. AS NOÇÕES DE FRONTEIRA EM GEOGRAFIA. **Revista Perspectiva Geográfica**, Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 10, p. 25, 2014.

FERRARI, Maristela. **INTERAÇÕES TRANSFRONTEIRIÇAS NA ZONA DE FRONTEIRA BRASIL-ARGENTINA: O EXTREMO OESTE DE SANTA CATARINA E PARANÁ E A PROVÍNCIA DE MISIONES (SÉCULO XX E XIX)**. 2011. 445 f. - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2011.

FILHO, Camilo Pereira Carneiro; CAMARA, Lisa Belmiro. Políticas públicas na faixa de fronteira do Brasil: PDFF, CDIF e as políticas de segurança e defesa. **Confins**, Confins, n. 41, 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/22262>. Acesso em: 6 mar. 2021.

GONÇALVES, Ingrid Bomfim; SANTOS, Larissa Conceição. MISSION PATH: IMMATERIALITY AND THE CHALLENGES OF PATRIMONIALIZATION. **Missões: Revista de Ciências Humanas e Sociais**, [s. l.], 2020.

HÄYRYNEN, Maunu. The transboundary landscape of the EU-Schengen border. **Journal of Borderlands Studies**, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 56–61, 2009.

HOUSE, John W. **Frontier on the Rio Grande: A Political Geography of Development and Social Deprivation**. Oxford: Claredon Press, 1982.

HOUSE, John W. Frontier studies: An applied approach. *Em*: BURNETT, A. D.; P. J. TAYLOR (org.). **Political Studies from Spatial Perspectives**. New York: Wiley, 1981. p. 291–312.

JORNADA, Eva Terezinha Ferreira. **POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS: VALORIZAÇÃO DO ESPANHOL NAS CIDADES GÊMEAS SÃO BORJA/BR E SANTO TOMÉ/AR**. 2022. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2022.

LARA-VALENCIA, Francisco. **Socio-spatial domains of cross-border integration: systematic observation matrix**. Tempe, Arizona State University, 2018.

LARA-VALENCIA, Francisco; FURNISH, Daniel. LA FRONTERA COMO PEDAGOGÍA: ENSEÑANDO Y APRENDIENDO ACERCA DE FRONTERAS REMOTAS. *Em*: DORFMAN, Adriana; FILIZOLA, Roberto; FÉLIX, Julian Mokwa (org.). **Ensinando Fronteiras: projetos estatais, representações sociais e interculturalidade**. Porto Alegre: Editora Letra1; Editora Diadorim, 2021. p. 244–272.

MACHADO, Lia Osorio. ESTADO, TERRITORIALIDADE, REDES. CIDADES-GÊMEAS NA ZONA DE FRONTEIRA SUL-AMERICANA. [s. l.], p. 29, 2005.

MACHADO, Lia Osorio. LIMITES, FRONTEIRAS, REDES. *Em*: FRONTEIRAS E ESPAÇO GLOBAL. Porto Alegre: AGB - Porto Alegre, 1998. p. 41–49.

MAXIMIANO, Liz Abad. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM. **Revista RA'EGA**, Curitiba, n. 8, p. 83–91, 2004.

MINGHI, Julian V. BOUNDARY STUDIES IN POLITICAL GEOGRAPHY. **Annals of the Association of American Geographers**, [s. l.], v. 53, n. 3, p. 407–428, 1963. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1111/j.1467-8306.1963.tb00457.x>. Acesso em: 26 maio 2022.

MOURA, Rosa; OLIVEIRA, Samara. REFERÊNCIAS SOBRE A FAIXA DE FRONTEIRA E OS ARRANJOS TRANSFRONTEIRIÇOS DO BRASIL. *Em*: FRONTEIRAS DO BRASIL: UMA AVALIAÇÃO DE POLÍTICA PÚBLICA. Rio de Janeiro: IPEA, 2018. v. 1, p. 453.

NAYLOR, Lindsay *et al.* Interventions: Bringing the decolonial to political geography. **Political Geography**, [s. l.], v. 66, p. 199–209, 2018. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0962629817304055>. Acesso em: 26 maio 2022.

NEWMAN, David. Borders and Bordering: Towards an Interdisciplinary Dialogue. **European Journal of Social Theory**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 171–186, 2006. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1368431006063331>. Acesso em: 25 nov. 2020.

PERRIER, Benjamin. The “Frontier” According to Paul de La Pradelle. **Borders in Globalization Review**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 130–134, 2020. Disponível em: <https://journals.uvic.ca/index.php/bigreview/article/view/19966>. Acesso em: 8 jun. 2022.

PINTO, Muriel. **A IDENTIDADE SOCIOTERRITORIAL MISSIONEIRA NA CIDADE HISTÓRICA DE SÃO BORJA-RS: AS HEGEMONIAS DE PODER SOBRE UMA IDENTIDADE TRADICIONAL ENRAIZADA ENTRE ANTIGAS REDUÇÕES JESUÍTICO-**. 2015. 368 f. - UFRGS, Porto Alegre, 2015.

PINTO, Muriel; COLVERO, Ronaldo Bernardino. A REGIÃO DE FRONTEIRA SÃO BORJA-BRASIL/SANTO TOMÉ-ARGENTINA: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

- TRADICIONAIS PÓS CONSTRUÇÃO DA PONTE DA INTEGRAÇÃO (1994-1997). **Redes**, [s. l.], v. 20, n. 3, p. 303, 2015. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/3412>. Acesso em: 12 mar. 2023.
- POMBO, Olga. EPISTEMOLOGIA DA INTERDISCIPLINARIDADE. **Revista do Centro de Educação e Letras**, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 9–40, 2008.
- PRADELLE, Paul de Geouffre de la. **La frontière: étude de droit international**. [S. l.]: Les Éditions Internationales, 1928.
- PRESCOTT, J R V. Political Frontiers and Boundaries. [s. l.], p. 332, 1987.
- RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do poder**. Brasília: Atica, 1993.
- RAJARAM, Prem Kumar; GRUNDY-WARR, Carl (org.). **Borderscapes: hidden geographies and politics at territory's edge**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007. (Borderlines, v. v. 29).
- RETAMOSO, Alex Sander Barcelos. **FRONTEIRA, PONTE E RIO: Limites e passagens para diferentes atores em São Borja**. 2021. 197 f. Tese de Doutorado - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, [s. l.], 2021.
- ROSIÈRE, Stéphane. Tendências contemporâneas da geografia política e da geopolítica. *Em*: SILVA, Augusto César Pinheiro da. **Geografia política, geopolítica e gestão do território: a integração sul-americana e a inserção das regiões periféricas**. 1. ed. [S. l.]: Editora Letra1, 2018. p. 87–95. *E-book*. Disponível em: <http://www.editoraleta1.com/epub/9788563800367/files/9788563800367-05.pdf#page=1>. Acesso em: 30 maio 2022.
- RÜCKERT, Aldomar A; FILHO, Camilo P Carneiro; UEBEL, Roberto R G. Cenários de Transfronteirizações na América do Sul: alguns exemplos de pesquisas recentes. [s. l.], n. 18, 2015.
- RUMLEY, Dennis; MINGHI, Julian V. (org.). **The Geography of Border Landscapes**. Londres: Routledge, 1991.
- SANGUIN, André-Louis. Le paysage politique : quelques considérations sur un concept résurgent. **Espace géographique**, Paris, v. 13, n. 1, p. 23–32, 1984. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/spgeo_0046-2497_1984_num_13_1_3889. Acesso em: 26 nov. 2020.
- SANGUIN, André-Louis. PAISAGENS DE FRONTEIRA: VARIAÇÕES EM UM IMPORTANTE TEMA DA GEOGRAFIA POLÍTICA. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 42, p. 24, 2015.
- SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 1985.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 6ªed. São Paulo: Edusp, 2007.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Abordagens e concepções do território**. 5. ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2020.

SERPA, Ângelo. O TRABALHO DE CAMPO EM GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA. **SÃO PAULO**, [s. l.], 2006.

SILVA, Amanda Scofano de Andrade. TRILHANDO A PAISAGEM: UMA ABORDAGEM DE CONCEITOS E DIÁLOGOS. **História, Natureza e Espaço - Revista Eletrônica do Grupo de Pesquisa NIESBF**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 2017. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/niesbf/article/view/31786>. Acesso em: 2 ago. 2021.

SILVA, Ricardo Marques; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado. O MÉRITO DAS CIDADES-GÊMEAS NOS ESPAÇOS FRONTEIRIÇOS. [s. l.], p. 11, 2008.

SOHN, Christophe. Modelling Cross-Border Integration: The Role of Borders as a Resource. **Geopolitics**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 587–608, 2014. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14650045.2014.913029>. Acesso em: 13 mar. 2023.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Integrative review: what is it? How to do it?. **Einstein (São Paulo)**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 102–106, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-45082010000100102&lng=en&tlng=en. Acesso em: 28 ago. 2022.

STRASSBURGER, Tabita. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO. [s. l.], 2018.

TAPIA, Marcela Aurora. Las fronteras, la movilidad y lo transfronterizo: Reflexiones para un debate. **ESTUDIOS FRONTERIZOS**, [s. l.], v. 18, n. 37, p. 61–80, 2017. Disponível em: <http://ref.uabc.mx/ojs/index.php/ref/article/view/619>. Acesso em: 5 ago. 2021.

TRESS, Bärbel *et al.* Bridging human and natural sciences in landscape research. **Landscape and Urban Planning**, [s. l.], v. 57, n. 3–4, p. 137–141, 2001. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0169204601001992>.

TRESS, Bärbel; TRESS, Gunther. Capitalising on multiplicity: a transdisciplinary systems approach to landscape research. **Landscape and Urban Planning**, [s. l.], v. 57, n. 3–4, p. 143–157, 2001. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0169204601002006>. Acesso em: 3 ago. 2021.

VELOZO, Edgar Garcia. ESCOLAS INTERCULTURAIS DE FRONTEIRA E A (DES)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM AMBAS ACEGUÁS (BRA / URU). *Em*: DORFMAN, Adriana; FILIZOLA, Roberto; FÉLIX, Julian Mokwa (ed.). **ENSINANDO FRONTEIRA: Projetos estatais, representações sociais e interculturalidade**. Porto Alegre: Editora Letra1; Editora Diadorim, 2021. p. 327–346.

VERDUM, Roberto; FONTOURA, Luis Fernando Mazzini. **Temáticas rurais: do local ao regional**. Porto Alegre, 2009.

VERDUM, Roberto; VIEIRA, Lucimar de Fátima dos Santos; PIMENTEL, Maurício Ragagnin Pimentel. As Múltiplas Abordagens para o Estudo da Paisagem. **Espaço Aberto, PPGG - UFRJ**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 131–150, 2016.

WALIA, Harsha. **Border and Rule: Global Migration, Capitalism, and the Rise of Racist Nationalism**. Chicago: Haymarket Books, 2021.

WHITTLESEY, Derwent. The Impress of Effective Central Authority upon the Landscape. **Annals of the Association of American Geographers**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 85–97, 1935. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00045603509357135>. Acesso em: 6 jun. 2022.